

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo**APRESENTAÇÃO**

A Revista de Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no *site* da AATESP – www.aatesp.com.br. Foi criada em 2010 com o intuito de acolher as produções advindas de arteterapeutas associados e de autores de áreas afins orientados por um arteterapeuta associado, interessados na difusão e no aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista de Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e a reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e as suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: revista@aatesp.com.br

Editora:

Dra. Leila Nazareth AATESP 001/1203

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth AATESP 001/1203

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti AATESP 008/1203

Dra. Tatiana Fecchio AATESP 058/1105

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920

Dra. Ana Carmen Nogueira AATESP 200/0611

Conselho Consultivo:

Dra. Adriana Leopold AATESP 203/0611

Dra. Alessandra Giordano AATESP 025/1203

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares ABCA 0001/0301

Dra. Cristina Brandt Nunes AATESP 539/0919

Dra. Cristina Dias Allessandrini AATESP 015/1203

Dra. Eloisa Quadros Fagali AATESP 021/1203

Dra. Irene Gaeta Arcuri AATESP 043/0504

Dra. Lara Nassar Scalise AATESP 474/1218

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren AATESP 005/1203

Dra. Selma Ciornai AATESP 014/1203

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi AATESP 251/0113

Dr. Robson Xavier AAPB 009/2018

Dr. Sandro Leite AATESP 023/1203

Ms. Andréia Aparecida da Silva Pinto AATESP 229/0112

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande AATESP 100/0109

Ms. Dilaina Paula dos Santos AATESP 011/1203

Ms. Eliana Cecilia Ciasca AATESP 082/0907

Ms. Lídia Lacava AATESP 039/0504
Ms. Mailde Jerônimo Trípoli AATESP 070/0507
Ms. Marcieli Cristine do Amaral Santos AATESP 157/0510
Ms. Rozelia Vasques Ortiz AATERGS 133/0916
Ms. Tania Cristina Freire AATESP 053/0305
Ms. Valéria G. C. Monteiro AATESP 340/061
Esp. Angelica Shigihara de Lima AATERGS 001/0603
Esp. Maria Angela Gaspari AATESP 138/0410
Esp. Mônica Guttmann AATESP 032/1203

Capa

Priscilla Tesser Reuter AATESP 506/0519
Caminho para Florescer e Ser - Colagem, a partir de desenho intuitivo do processo arteterapêutico.

Formatação, Editoração

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920
Esp. Joyce da Silva ABCA 169/0423

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e os julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos editores ou do conselho editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2023-2024

Diretora Gerente

Lara Nassar Scalise

1ª Diretora Adjunta

Dilaina Paula dos Santos

2º Diretor Adjunto

Sandro José da Silva Leite

1º Secretário

Marcos dos Reis Nogueira

2ª Secretária

Marcia Cristina de Aguiar

1ª Tesoureira

Camilla Dimitrov

2ª Tesoureira

Cristina de Barros Shigueru

Conselho Fiscal

Bonna Graziella Straccialini Spadacini

Ligia Kohan Tarandach

Viviane Barbosa de Magalhães

Revista

Leila Nazareth

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Tatiana Fecchio

Gisela Dias

Joyce da Silva

Ana Carmen Nogueira

Sumário

EDITORIAL

Arteterapia: diferentes contextos, diferentes públicos e uma prática consistente 2
Leila Nazareth

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL

O olhar feminino sobre o desenho em Arteterapia na dependência de drogas 4
Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres, Laíza Thainá Araújo Rodrigues

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Arteterapia e sofrimento psíquico associado ao uso de drogas: Que relação é essa?..... 22
Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres, Jessica Correia de Oliveira Souza

ESTUDO DE CASO

Dos pequenos braços ao abraço: Um relato sobre a importância do vínculo no complexo mundo dos sentimentos 50
Natália Mayra de Lima

NORMAS DE PUBLICAÇÃO 71

EDITORIAL**Arteterapia: diferentes contextos, diferentes públicos e uma prática consistente**Leila Nazareth¹

Para compor este número, as portas abertas da Revista de Arteterapia da AATESP receberam uma restrita coleção de três artigos. Se a quantidade nos surpreende por ser pequena, a qualidade nos surpreende mais ainda pela relevância dos temas tratados. Serão abordados Arteterapia e drogadição e o amor na relação terapêutica.

A Revista inicia com o artigo científico original **O olhar feminino sobre o desenho em Arteterapia na dependência de drogas**, produzido por Ana Cláudia A. Valladares-Torres e Laíza T. A. Rodrigues. O estudo foi desenvolvido em um CAPS-ad III do Distrito Federal. Seu objetivo geral foi compreender a percepção de mulheres dependentes de drogas por meio do desenho projetivo da ponte em Arteterapia; enquanto seu objetivo específico foi conhecer o perfil das pacientes que participaram da pesquisa. Os dados foram coletados em três etapas: a aplicação do questionário de levantamento do perfil das participantes, a criação do desenho da ponte em Arteterapia, e uma entrevista individual sobre o desenho realizado. Os dados foram avaliados por meio da análise de conteúdo, modalidade temática. Desse modo, as autoras concluíram que o desenho projetivo pode ser empregado para compreender o sofrimento das mulheres adictas e valorizar as particularidades de seu sofrimento e de suas potencialidades, de maneira lúdica e criativa.

Na sequência, encontra-se o artigo científico de revisão bibliográfica, abordando também a questão do abuso de substâncias psicoativas. O título é **Arteterapia e sofrimento psíquico associado ao uso de drogas: que relação é essa?** A autoria é de Ana Cláudia A. Valladares-Torres e Jéssica C. O. Souza.

O objetivo do trabalho foi analisar as evidências das pesquisas desenvolvidas voltada a pessoas adultas em sofrimento psíquico por uso de drogas. Foi conduzida uma revisão integrativa, incluindo artigos publicados entre os anos de 2018 e 2022 nas bases de dados – BVS, SciELO, PUBMED, PePSIC e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram (Arteterapia) *and* (Transtornos relacionados ao uso de substâncias). Como resultado foi observada que a Arteterapia pode ser empregada como prática integrativa e complementar

¹ Editora da Revista de Arteterapia da AATESP, arteterapeuta AATESP 001/1203, doutora em Psicologia Social, psicóloga com formação em Psicoterapia Analítica de Jung, Neuropsicologia e Reabilitação Neuropsicológica.

de saúde, oferecendo assistência nos cuidados em saúde mental, estimulando a energia criativa e a redução de danos psíquicos desencadeados pelo uso de substâncias.

Por fim, Natália Mayra de Lima contribuiu com o estudo de caso intitulado como **Dos pequenos braços ao abraço: um relato sobre a importância do vínculo, amor incondicional e expressão de sentimentos**. Foi constituído um grupo com seis crianças de 6 anos. O referencial teórico entrelaça os estudos sobre amor na relação terapêutica (Cardella, 1994) e trabalhos corporais (Arcuri, 2006). As técnicas expressivas empregadas mesclaram oficinas criativas (Alessandrini, 1996) e o jogo dramático (Slade, 1978). Foram realizados 33 encontros, com 1 hora e 30 minutos de duração cada. O estudo focalizou o processo do participante L. Os resultados apontaram para maior fluidez na expressão, maior liberdade para criar, um estado amoroso que permitiu o reconhecimento e a aceitação do outro como ele é. A autora destacou que essa transformação se estendeu a todos os participantes do grupo, inclusive à arteterapeuta.

A Revista de Arteterapia, pela qualidade dos artigos que a compõem, tornou-se uma importante fonte de pesquisa tanto para o estudante que elabora sua monografia de conclusão de curso, como para o profissional que visa à ampliação e atualização de seus conhecimentos e uma prática consistente. Nossas portas estão sempre abertas para acolher a produção científica e acadêmica de nossa comunidade arteterapêutica. As normas para a publicação estão no final de cada volume da revista. Desejamos a todos uma excelente leitura e muita inspiração para a produção de textos que possam embasar nossas práticas e consolidar a Arteterapia brasileira.

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL**O olhar feminino sobre o desenho em Arteterapia na dependência de drogas
The female perspective on drawing in art therapy in drug addiction**Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres¹Laíza Thainá Araújo Rodrigues²

Resumo: O estudo objetivou compreender a percepção de mulheres em situação de dependência de drogas a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia. Esse trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa, de delineamento descritivo e exploratório. A coleta de dados consistiu em três momentos distintos: aplicação do questionário com o perfil das participantes, criação do desenho da ponte em Arteterapia pelos participantes e uma entrevista sobre o desenho por meio de intervenção individual. Para análise de dados foi utilizada a Análise de Conteúdo, modalidade Temática. Desse modo, emergiram três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. Nos relatos sobre o desenho, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada à sua condição de ser mulher adicta. Verificou-se que existiam experiências semelhantes de fragilidade e demandas em cada categoria, na condição de ser mulher adicta. Diante dessa vivência, acredita-se que o desenho projetivo deve ser despertado e ofertado por profissionais da área nesse contexto para compreender o sofrimento das mulheres adictas e valorizar as particularidades de suas dores e potencialidades, de forma lúdica e criativa.

Palavras-chave: Arteterapia; saúde da mulher; saúde mental; transtornos relacionados ao uso de substâncias.

Abstract: The study aimed to understand the perception of women in situations of drug addiction based on the projective design of the bridge in Art Therapy. Qualitative research, with a descriptive and exploratory design. Data collection consisted of three distinct moments: application of the questionnaire with the participants' profile, creation of the bridge design in Art Therapy by the participants and an interview about the design through individual intervention. Content Analysis, Thematic modality, was used for data analysis. Three categories emerged: The previous life story: perceptions of life before the bridge, The current

¹ Arteterapeuta há 28 anos, prof^a Dra na Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Enfermagem psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9601473625455733>. Associada pela Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA) no 001/030.

² Enfermeira formada pela Universidade de Brasília (UnB). Enfermeira, graduada pela Universidade de Brasília 2022. Pós graduada em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família; Enfermagem em Ginecologia e Obstetria. *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6709908783890176>.

path: perceptions of life while crossing the bridge and Desires and dreams: perspectives of the future after the bridge. In reports about the drawing, the participants were able to verbalize the drawing's connection with their personal life related to their condition of being an addicted woman. It was found that there were similar experiences of fragility and demands in each category, as a female addict. Given this experience, it is believed that projective drawing should be encouraged and offered by professionals in the field in this context. to understand the suffering of female addicts and value the particularities of their pain and potential, in a playful and creative way.

Keywords: Art therapy; mental health; substance use disorders; women's health.

Introdução

O consumo de álcool e outras drogas é uma prática bastante comum na história da humanidade, mas, ainda que o consumo de drogas psicoativas seja inerente à própria condição humana, o abuso dessas substâncias psicoativas pode revelar um refúgio de uma frustração existencial e a fuga de si mesmo. Aspectos que podem ser causados por perdas e separações na vida e sugerem o enfrentamento de uma existência humana fragilizada, baixa autoestima e dificuldade da pessoa em lidar com o próprio sofrimento (IURKIV, 2019; MIRANDA; NASCIMENTO; SILVA, 2021).

Uma vez que a dependência de substâncias psicoativas está instalada, há o indício de um grave problema de saúde pública, segurança e assistência pública no Brasil. Já que essa dependência gera uma série de sofrimento na vida das pessoas, por fragilizar as relações interpessoais, acarretar violências, crises domésticas e comunitárias, o afastamento de familiares, acidentes de trânsito, agravos a saúde mental e física, comorbidades psiquiátricas, dificuldades e evasão educacional, infecções sexualmente transmissíveis, desempregos, furtos, mortes entre outras. Além do que, nos cuidados com pessoas dependentes de drogas são relatados transtornos psicológicos graves e várias expressões emocionais negativas, como sentimentos de solidão, abandono e isolamento social também causados pelo estigma do transtorno inerente (MIRANDA; NASCIMENTO; SILVA, 2021).

A dependência de drogas pode afetar a todos, independente de gênero, faixa etária e classe social. Com o panorama atual em que a mulher é um sujeito cada dia mais ativo na sociedade, sabe-se que houve um aumento significativo do seu consumo, abuso e dependência do álcool (NASCIMENTO *et al.*, 2017; CEZAR; RIBEIRO; FRANCKE, 2021). Acredita-se que a mulher adicta pontua maior agravamento do que os homens nos aspectos biológicos, em relação aos preconceitos, aos relacionamentos familiares, amorosos e na ruptura de papéis sociais, que podem modificar de forma significativa a adesão e o processo de tratamento. Por conseguinte, os prejuízos significativos sobre a saúde física, psíquica,

social e espiritual das mulheres dependentes de drogas as fazem se encontrar num contexto de alto risco social e de desestruturações pessoais e familiares (IURKIV, 2019; MEDEIROS; BARROS; MACIEL, 2020).

O Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas (CAPS-ad), estabeleceu-se no Brasil como um serviço público de saúde mental voltado para o público de dependente de drogas e seus familiares e segue as premissas da reforma psiquiátrica dentro de uma dinâmica de reinserção familiar, social e comunitária e com as políticas de redução de danos (LACERDA; FUENTES-ROJAS, 2017) em oposição à lógica manicomial pré-existente. Diante da complexidade em torno do tratamento e da reabilitação psicossocial de dependentes de drogas, os CAPS-ad dispõem de oficinas terapêuticas, atendimentos grupais, individuais e familiares/comunidade com uma equipe transdisciplinar em saúde mental. Nas oficinas do CAPS-ad são inseridas atividades criativas e inovadoras – como a Arteterapia.

Como modalidade terapêutica, a Arteterapia estimula o desenvolvimento criativo em prol do sentido e da qualidade de vida de dependentes de drogas, além de trabalhar com a singularidade e a história de vida dos participantes em detrimento à patologização do transtorno (VALLADARES-TORRES, 2021a; 2021b). Nesse sentido, a Arteterapia pode ser um mecanismo catártico diante do sofrimento psíquico, dando possibilidade para que a pessoa possa olhar para seu mundo interno e resgatar o equilíbrio emocional, além de ser uma ferramenta para relaxar, descontrair e adquirir novas experiências e, enfim, promover a saúde mental (FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021).

Assim, acredita-se que o uso do desenho, uma das técnicas em Arteterapia, possibilita a comunicação da subjetividade de mulheres adictas, pois pode ajudá-las a expressar emoções, sentimentos e necessidades sem o peso da linguagem verbal (VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020). O uso do desenho da ponte em Arteterapia foi trabalhado pelos autores Darewych e Bowers (2018) e aplicado a pessoas australianas, canadenses e ucranianas. Como resultado, os autores concluíram que esse tipo de desenho estimula criativamente a imaginação dos participantes, já que eles conseguem refletir sobre seus objetivos de vida, obter *insights* sobre as forças das suas emoções, determinar suas fontes de significado da vida e explorar seus aspectos espirituais.

Inspirado neste trabalho, este estudo parte do pressuposto de que o desenho da ponte em Arteterapia no âmbito dos cuidados terapêuticos em saúde mental pode ajudar a promover a intervenção psicossocial e ser eficaz no acompanhamento de mulheres em sofrimento psíquico decorrentes do uso abusivo de substâncias psicoativas. Portanto, o trabalho é norteado pela seguinte questão de pesquisa: como as mulheres adictas se percebem a partir do desenho da ponte em Arteterapia?

As respostas desencadeadas desse questionamento podem desvelar saberes

voltados para as singularidades de mulheres dependentes de drogas.

Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral compreender a percepção de mulheres em situação de dependência de drogas a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia.

Objetivo Específico

O estudo tem como objetivo específico conhecer o perfil das pacientes adictas participantes da pesquisa.

Método

O trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa de natureza qualitativa, de delineamento descritivo e exploratório de Análise Temática e seguiu as recomendações do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research – COREQ (TONG; SAINSBURY; CRAIG, 2007).

Participaram do estudo mulheres dependentes de drogas usuárias de um CAPS-ad III de uma região administrativa do Distrito Federal e foram considerados como critérios de inclusão: idades iguais ou superiores a 18 anos, que concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entanto, foram excluídas as que apresentassem dificuldades física e/ou mental de compreender o desenho projetivo e/ou responder os instrumentos da pesquisa.

Nesta pesquisa, enfatizou-se o discurso verbal emitido a partir do desenho projetivo da ponte em Arteterapia pelas mulheres adictas participantes. Os dados foram coletados por meio de intervenção individual de Arteterapia e foram recolhidos no período de março a novembro de 2019 em sala disponibilizada pela instituição; e cada intervenção teve duração total de, aproximadamente, 2 horas. A pesquisa foi coordenada por uma arteterapeuta e os dados foram coletados em parceria com os alunos de enfermagem, auxiliares de pesquisa.

A coleta de dados foi norteadada por três etapas distintas, inicialmente houve a aplicação do questionário sobre o perfil das participantes, posteriormente ocorreu a criação do desenho da ponte pelas participantes e, finalmente, se deu uma entrevista sobre o desenho. No questionário sobre o perfil sociodemográfico, clínico e psiquiátrico das participantes trabalhou-se com as variáveis idade, escolaridade, estado civil/afetivo, número de filhos, dinâmica familiar, vínculo empregatício, atividades laborais, residência, início do uso e droga de dependência, comorbidades psíquicas e físicas e tempo de tratamento no CAPS-ad. Posteriormente, na criação de um desenho temático sobre a ponte em uma contextualização livre em Arteterapia, foram disponibilizados os seguintes materiais: lápis de cor e preto 2B, borracha, canetinha hidrocor, giz de cera e uma folha de papel sulfite branco

tamanho A4.

Para além da concretização dos desenhos e com o objetivo de aprofundar nas questões trazidos pelo texto não verbal (desenho) e manter um clima de trocas e diálogo - fala, escuta e reflexão, a exploração da temática foi subsidiada pelas questões trazidas pelos pesquisadores, como: título; Uma história ou o que o desenho fazia lembrar ou pensar; O que a ponte tem a ver com você?; Qual o sentido da ponte para sua vida?; De onde a ponte veio e para onde ela vai levá-la (sonhos, objetivos e metas)?; O que está fazendo na ponte?; Qual sua responsabilidade daqui para frente?

Na análise de dados foram agrupados, inicialmente, os resultados do perfil das participantes de forma descritiva e, em seguida, utilizou-se a análise de conteúdo, modalidade temática sobre os relatos das mulheres dependentes de drogas. Essa análise identificou a expressão do significado, dos sentimentos, do comportamento e da história de vida revelados pelas participantes. Essa técnica de análise foi proposta por Bardin (2011) e inclui as fases: leitura flutuante das histórias, categorização, descrição e interpretação das informações obtidas pelas unidades temáticas.

A presente investigação faz parte do projeto denominado A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias, que obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (CEP/FEPECS), sob o CAAE nº 44625915400005553. Foram respeitados os preceitos éticos e legais da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Antes do início da pesquisa, todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e a técnica de coleta adotadas e assinaram o TCLE e o termo de autorização para fotografar os desenhos. Para preservar o anonimato, as participantes foram denominadas por nomes de flores.

Resultados

Participaram deste estudo 20 mulheres dependentes de drogas, com idade entre 18 a 64 anos, sendo que a média de idade foi de 44,5 anos. A maioria tinha Ensino Médio completo, estava sem companhia afetiva, apresentava uma média de três filhos, mas muitas perderam a guarda deles em algum momento da vida. A maioria tinha vínculo familiar conflituoso e não estava com vínculo empregatício, todas exerciam majoritariamente as atividades do lar e residiam com a família em residência própria.

A iniciação do consumo de drogas ocorreu entre 15 a 25 anos, por incentivo do companheiro, de amigos ou de parentes e entre 34 e 42 anos elas já se consideravam dependentes dessas substâncias, em especial do álcool. A maioria relatou histórico de sintomas de ansiedade e depressão grave - associada a uma condição crônica do uso de álcool, expôs ideação suicida em algum momento da vida e fazia uso de terapia medicamentosa – ansiolíticos e antidepressivos. Igualmente, relataram ter hipertensão e

tempo de tratamento no CAPS-ad menor do que um ano.

No tocante ao simbolismo da ponte, há a representação da travessia entre duas dimensões ou dois mundos, que podem ser representados pela terra *versus* céu, pela vida *versus* morte, pela contingência *versus* imortalidade, pela passagem de um ser *versus* outro estado mais elevado, pela deterioração *versus* salvação ou entre dois desejos em conflito. Além do que, sinaliza uma passagem perigosa ou um divisor de uma dimensão moral, ritual ou religiosa a ser escolhida e superada, como toda viagem iniciatória do homem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017). No contexto trabalhado, esses significados surgiram em forma de passado – ser adicta *versus* futuro – seguir projetos e sonhos sem o transtorno.

Ao longo do trabalho, pode-se identificar, a partir das verbalizações emitidas pelas mulheres adictas sobre o desenho da ponte, o **olhar feminino sobre o processo saúde-doença que elas estavam vivenciando no momento** e emergiram, a sequência, três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; e Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. Assim, essas categorias trouxeram a simbologia da ponte descrita acima, que indicava as duas dimensões representadas pelo passado em direção ao futuro, além da projeção do momento presente – uma passagem perigosa a ser superada, no caso, pelo tratamento.

Categoria I - A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte

Nesta categoria, foram identificadas a condição de ser mulher no mundo das substâncias psicoativas e as suas causas. A seguir foram apresentados alguns exemplos:

Toda a minha infância e adolescência foi marcada por cenas de violência sexual por parte do meu padrasto. E eu não podia contar para ninguém, nem para minha mãe, porque ninguém acreditava na minha história [...]. (Begônia).

Foi muito triste a minha separação, por um tempo fiquei sem saber o que fazer da vida, daí comecei a beber todos os dias [...]. (Verbena).

Quando eu era jovem, todos meus familiares e amigos consumiam muitas drogas, principalmente álcool e cigarro, e eu usava junto com eles, como uma forma de anestesiarem momentaneamente minhas angústias. Depois, eu comecei a beber pesado, mas sempre existia um olhar diferenciado - de exclusão, por eu ser mulher [...]. (Ipê Branco).

O Quadro 1 apresenta um desenho projetivo da ponte desenvolvido por dependentes

de drogas durante intervenção de Arteterapia, juntamente com a autoria e a história do mesmo para ilustrar a Categoria I - A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte.

	<p>Título: <i>Equilíbrio</i></p> <p>Narração do desenho: [...] <i>ninguém da minha família aceitava a minha doença e, no início, eu também acreditava que conseguia controlar a vontade de beber e não precisava de tratamento, porque eu tinha vergonha da situação e medo de perder meus filhos. Já o alcoolismo do meu companheiro, todos suportavam e apoiavam o tratamento dele [...].</i></p> <p>Autoria: Girassol, 50 anos. Era alcoolista, com Ensino Fundamental completo, solteira, vivia com a família (dois filhos) em casa própria, desempregada e em proposta no CAPS-ad havia um mês. Apresentava sintomas de ansiedade e depressão e era hipertensa.</p>
--	--

Figura 1. Desenho de Girassol.

Quadro 1. História e autoria do desenho da ponte em Arteterapia desenvolvido pela participante Girassol.

Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. (N=1) Fonte: Elaboração própria.

As narrativas anteriormente descritas apontaram aspectos que as participantes viveram no início da dependência de drogas, sentimentos presentes na sombra e associados à negatividade, ao medo, às angústias, à vergonha e à violência. Outro aspecto bastante enfatizado pelas participantes foi o estigma em relação a ser mulher adicta.

Categoria II - O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte

Esta categoria permitiu identificar falas das usuárias sobre suas dificuldades em acessar o serviço e/ou durante o tratamento e como os serviços se propõem a tratar essas mulheres. Além da projeção do momento presente, as participantes trouxeram a significação simbólica de difícil travessia ou passagem representada pelo tratamento. Nos relatos do desenho da ponte, sobre o momento atual, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada ao tratamento. São apresentados alguns relatos a seguir.

O CAPS me acolheu muito bem, os funcionários são atenciosos e interessados no meu caso, mas no início tive medo e, por isso, demorei a buscar ajuda e tratamento [...]. (Tulipa).

[...] somos minoria aqui no CAPS, nos grupos mistos, que são a maior parte deles, eu não fico à vontade para falar sobre minhas reais dificuldades ou para dormir no acolhimento integral [...]. (Rosa).

Esses relatos apontaram que as mulheres adictas tendem a se ver de forma distinta em relação aos homens durante os serviços oferecidos voltados para o público dependente de drogas. Por serem minoria, geralmente, o tratamento é mais direcionado para as demandas masculinas.

Categoria III - Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte

Esta categoria discorreu sobre o futuro trazido pelas participantes que foi mediado pela preparação voltada para a solução dos problemas. Diante dessa perspectiva, as mulheres adictas resgataram desejos e sonhos, como observado nas narrativas a seguir.

[...] eu quero continuar no tratamento e seguir em frente, vencer os obstáculos, a exclusão social e a depressão, por meio da família unida, da busca pela tranquilidade e cuidar melhor da minha beleza pessoal [...]. (Azaleia).

O Quadro 2 mostra um desenho projetivo da ponte desenvolvido por dependentes de drogas durante intervenção de Arteterapia, juntamente com a autoria e história do mesmo para ilustrar Categoria III - Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte.

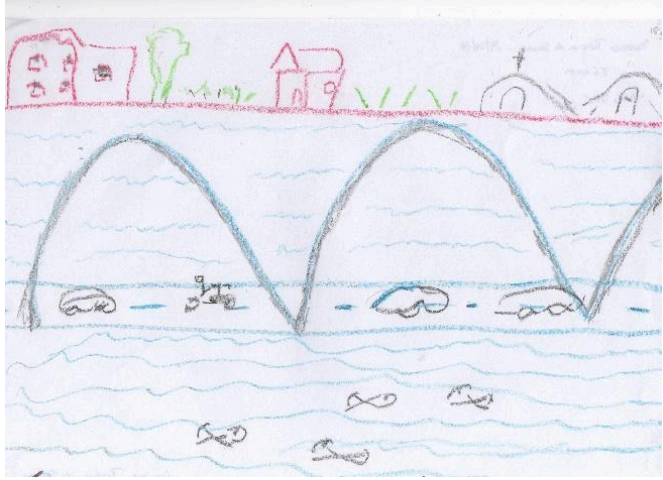
	<p>Título: <i>Ponte da Felicidade</i></p> <p>Narração do desenho: <i>Estou tentando atravessar a ponte, quero continuar meu tratamento no CAPS-ad, conseguir manter meu foco (ficar limpa - sem as drogas) sem cair e alcançar meus objetivos (estudo e emprego novos), ter boa saúde e uma vida saudável. E, assim, a minha família se orgulhar de mim! [...]</i></p> <p>Autoria: Crisântemo, 56 anos. Era alcoolista, com Ensino Médio completo, viúva, vivia com uma filha em casa própria, aposentada do INSS e em proposta no CAPS-ad havia um ano. Fazia tratamento de transtorno depressivo e era hipertensa.</p>
---	--

Figura 2. Desenho de Crisântemo.

Quadro 2. História e autoria do desenho da ponte em Arteterapia desenvolvido pela participante Crisântemo.

Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. (N=1) Fonte: Elaboração própria.

As verbalizações dessa categoria fizeram surgir projeções futuras e pretensões, entre as quais citaram manter-se no tratamento da dependência de drogas, evitar recaídas e permanecer na abstinência das substâncias, além de almejar a mudança no estilo de vida, a reestruturação da dinâmica familiar e o cuidado com a autoimagem.

Discussão

O perfil da população feminina vulnerabilizada pelas drogas encontrado na pesquisa se assemelha ao de alguns estudos na área. Um estudo desenvolvido com usuárias de um CAPS-ad da cidade de São Paulo, no qual o perfil predominante foi de mulheres alcoolistas, com idade média alta, no caso de 38 anos, sem companheiro - 81,1%, com vínculo familiar ruim/conflituoso - 52,7% e sem vínculo empregatício - 83,5% (LEÃO *et al.*, 2020).

Um estudo transversal realizado em oito municípios do Ceará registrou que 78,1% dos dependentes de drogas apresentaram rastreamento positivo para Transtorno Mental Comum com índices elevados para a presença de pensamentos depressivos, humor ansioso e depressivo, sintomas somáticos e decréscimo de energia vital. E os autores complementaram que o sexo feminino, por não ter ocupação ou companheiro fixos, apresenta maior vulnerabilidade para desenvolver os transtornos (MOREIRA *et al.* 2020).

Os transtornos depressivos e ansiosos são, frequentemente, comorbidades das mulheres alcoolistas, diferentemente dos homens, que apresentam maior comorbidade com transtornos de personalidade (GJESTAD *et al.*, 2011). As mulheres alcoolistas têm mais comorbidades que os homens com o mesmo vício: aproximadamente 65% das mulheres contra 44% dos homens. E, em relação à população em geral, 31% de mulheres alcoolistas têm transtornos depressivos e ansiosos contra 5% de mulheres não alcoolistas (SLADE *et al.*, 2016).

Segundo Scheffer e Almeida, em estudo realizado no ano de 2010, foi verificado que a impulsividade e o uso de álcool estão relacionados em ambos os sexos; porém, no sexo feminino há uma vulnerabilidade comportamental e cognitiva além dos aspectos biológicos em resposta ao uso do álcool. Ao comparar com o sexo masculino, as mulheres adictas são mais propensas a desenvolver problemas físicos, como hipertensão, desnutrição, anemia, doença cardiovascular, doenças hepáticas e gástricas, câncer de mama, osteoporose, bem como alterações nas funções reprodutivas e sexuais, como ausência de ovulação, diminuição dos ovários e infertilidade. Os homens apresentam mais problemas legais e profissionais do que as mulheres, que exibem mais conflitos familiares e conduta estressante (GJESTAD *et al.*, 2011).

A dificuldade de compreender que a dependente de drogas precisa de tratamento especializado é uma realidade entre as mulheres participantes. Além do que, a condição do papel convencional imposto com exclusividade pela sociedade à mulher, como a guarda dos

filhos e os cuidados com a casa, imperou em depoimentos das mulheres adictas. Por isso, que frequentemente essas mulheres fogem dos serviços especializados pelas ideias pré-concebidas de que serão marginalizadas e vistas de forma estereotipada como promíscuas, desregradas e imorais e, assim, tratadas como tais (MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017).

Um estudo revelou que as mulheres adictas desenvolviam comportamentos negativos e depressivos, que as deixavam fragilizadas, desprotegidas, inseguras e ocultas, aspecto que as impedia de desenvolver motivação para modificar esse cenário. Os autores acrescentam que a dependência de drogas na mulher pode intensificar conflitos em diversas áreas da sua vida, tais como: autoimagem, valores pessoais e feminilidade (NASCIMENTO; SILVA, 2021). Aspectos citados que vão de encontro com os resultados deste estudo.

Frequentemente, a postura preconceituosa da sociedade em relação à mulher adicta reforça o estigma interno das próprias pessoas acometidas pela doença. Cezar, Ribeiro e Francke (2021) ressaltam essa ideia de que a sociedade estigmatiza as mulheres adictas e as colocam fora dos padrões femininos esperados e alegam que são más esposas e más mães. Ao serem depreciadas, insultadas e agredidas constantemente, essas mulheres acabam acreditando nessas calúnias e, muitas vezes, retardam a busca precoce por tratamento especializado, o que as levam a ter condições mais precárias e comprometidas de saúde ao buscar ajuda. Outro estudo acrescenta que as mulheres adictas apresentam constantemente alto nível de morbidade e acentuada vulnerabilidade psicossocial (SANTOS *et al.*, 2019).

Algumas mulheres, participantes do estudo, relatam que tinham uma cultura liberal do consumo de drogas em casa, por algum familiar ou do companheiro afetivo e, de onde ocorriam cenas de violência desde a infância. A casa, um lugar que deveria servir de acolhimento e proteção, se transforma muitas vezes em um local facilitador de acesso às substâncias psicoativas, drogas, e de violência doméstica e potenciais riscos de recaídas (SOCCOL *et al.*, 2019). Complementa Lurkiv (2019) que as mulheres adictas são, frequentemente, influenciadas pelo consumo que seus companheiros ou amigos bem próximos ou por terem vivido em lares nos quais o consumo abusivo de drogas era comum por parte dos cuidadores.

Surgiram nos depoimentos das mulheres que a infância e a adolescência foram marcadas por violência física e em especial sexual doméstica. As mulheres adictas têm em seu histórico abusos físicos e sexuais sofridos anteriormente. As mulheres podem sofrer abusos em várias fases da vida, entretanto, nas adictas, a natureza da violência e a reincidência e tempo de abusos físicos, sexuais e psicológicos se multiplicam. A violência infantil na mulher é considerado um evento estressor que favorece a fragilidade emocional e age como um precursor para a dependência de drogas (LUCHESE *et al.*, 2017).

Ao ser minoria em grupos mistos no serviço de saúde mental, as demandas das mulheres adictas acabam sendo subordinadas às masculinas - consideradas componentes dominantes. Sendo assim, essas mulheres não encontram oportunidade de falar sobre sua dor ou sofrimento específico. A escolha das mulheres adictas nos grupos femininos é discorrer sobre as condições de ser mulher, seus conflitos internos, seus sentimentos, já que a dependência de drogas normalmente surge como elemento secundário nos discursos vivenciados por elas. Diferente dos homens, que tem um discurso mais empobrecido e focado no mundo das drogas (VENOSA, 2011).

Esses aspectos acabam fragilizando o tratamento destinado ao público feminino dependente de drogas. Por essa razão que a literatura (VENOSA, 2011; MEDEIROS; MACIEL; SOUSA, 2017; NASCIMENTO *et al.*, 2017; IURKIV, 2019; LEÃO *et al.*, 2020; RIBEIRO; FRANCKE, 2021) enfatiza a necessidade de elaborar planos terapêuticos pautados nas questões como conflitos familiares, autoestima, reintegração social e familiar, bem como nas potencialidades dessas mulheres.

Ademais, o que chama a atenção é que, mesmo diante das adversidades desencadeadas pela dependência de drogas, as mulheres conseguiram resgatar saídas saudáveis para seus problemas. Um estudo constatou que os dependentes de drogas percebem sua vida como sem valor frente à família e à sociedade, contudo, ao aderir ao tratamento, passam a refletir sobre sua vida e buscar maneiras mais saudáveis de reconstruir seu caminho e o seu existir, no qual se reelaboram sonhos futuros com o reatar de laços familiares e sociais (INOUE *et al.*, 2019).

De conformidade com os relatos, a adesão ao tratamento terapêutico possibilita às participantes a mudança de atitude e de comportamento de vida e o reatar vínculos afetivos importantes. Pois, levam essas mulheres a almejar outros desejos mais saudáveis em detrimento do único desejo de consumir drogas, como uma saída única e exclusiva para lidar com problemas e situações de risco físico, psicológico ou social. A mulher adicta acaba sendo movida pelo intenso desejo de consumir drogas que as fazem prejudicar a sensação e o contato consigo mesmo e com o mundo à sua volta e com o equilíbrio emocional, se volta para o momento presente e esquece seus sonhos e desejos futuros. Fato que evidencia a necessidade de se dedicar ao trabalho terapêutico para aspectos de resiliência com essas mulheres adictas no que se refere ao enfrentamento das questões do cotidiano e as estimule a despertar o interesse por atividades que lhes tragam prazer e alegria (SOCCOL *et al.*, 2019).

O desenho da ponte em Arteterapia auxiliou, de forma criativa e lúdica, no desvelar da história pessoal e na reflexão sobre o processo de saúde-doença das mulheres adictas. Dados que corroboram com os achados de Hanes (2017), que também desenvolveu o uso projetivo de desenhos com caminhos ao invés da temática ponte com mulheres

dependentes de drogas alojadas em uma Comunidade Terapêutica. A autora identificou que, por meio dos desenhos do caminho, as participantes compreenderam melhor o seu próprio caminho de recuperação, ao simbolizarem a capacidade de transformação e relatarem *insights* reveladores sobre o uso de drogas e o seu estado psicológico.

Por meio de outro desenho projetivo intitulado *Metáfora da chuva* em Arteterapia, realizado por Torres e Lima (2020), foi possível conhecer o processo de adoecimento, sob a ótica feminina de usuárias de um CAPS-ad III. Os desenhos elucidaram uma trajetória de vida subjetiva permeada por muitas fragilidades e vulnerabilidades das suas autoras e a técnica abriu espaço para o diálogo e a reflexão, no sentido de proporcionar momentos de elaboração de experiências negativas - o que oportunizou a reconstrução de novos projetos de vida. Dados que vão de encontro com os evidenciados desta pesquisa.

Complementa o estudo de Valladares-Torres *et al.* (2018) que visou identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas assistidas vítimas de violência em uma intervenção de Arteterapia com a utilização do desenho projetivo da autoimagem realizada por um serviço de saúde mental. Os resultados desta pesquisa evidenciaram que as cenas com violência foram marcadas por indícios de conflitos, dificuldades, passividade, agressividade e desajustamento social e alegaram que esse tipo de abordagem pode ser uma ferramenta lúdica que facilita o acesso ao tema de violência junto a mulheres que apresentam abuso de substâncias psicoativas.

Ao relatar as experiências vividas por estudantes de Enfermagem que favoreceram a reabilitação psicossocial e inclusão social de mulheres adictas apenas com o uso do mosaico em Arteterapia, Wielganczuk, Guadim e Soares (2018) apontaram que o processo auxiliou na expressão e materialização de sentimentos e na reflexão das próprias vivências dessas mulheres; aspecto que favoreceu a resolução de conflitos internos e externos, igualmente promoveu o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades. Assim, foi possível ouvir relatos de planejamentos futuros como arrumar um emprego e procurar reabilitação, aspecto que se assemelhou aos encontrados neste estudo.

O uso da Arteterapia voltada para o público feminino revelada por artigo de revisão observou benefícios para a mulher, como a melhora na autopercepção e na autoimagem, aumento da capacidade expressiva, de elaboração de emoções, conexão com os desejos e de atitudes positiva frente à vida, bem como na redução da inibição - dados que corroboram com os encontrados nesse estudo (SOARES *et al.*, 2020).

Estudos nacionais e internacionais têm evidenciado efeitos positivos da Arteterapia aplicado às mulheres, especificamente adictas, e revelaram algumas melhorias destacadas a seguir na Tabela 1.

Nº	Aspectos positivos	Autores
1	No ajustamento emocional	VALLADARES-TORRES, 2020; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.
2	Na redução da tensão e de sintomas de ansiedade	MOHADDASEH et al., 2019; VALLADARES-TORRES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES: NEVES, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
3	Na redução de sintomas de depressão	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES: NEVES, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
4	No estímulo da autoconfiança	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES, 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a; VALLADARES-TORRES; MARQUES, 2021.
5	No estímulo do relaxamento	VALLADARES-TORRES, 2018; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.
6	No despertar da criatividade	HANES, 2017; MOHADDASEH et al., 2019; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2020; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
7	No resgata a satisfação em desenvolver a atividade	VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019; VALLADARES-TORRES; SANTIAGO, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021a.
8	No encorajamento da partilha de emoções	HANES, 2017; VALLADARES-TORRES, 2018; WIELGANCZUK; GUADAIM; SOARES, 2018; MOHADDASEH et al., 2019; TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2020; SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a; VALLADARES-TORRES; MARTINS, 2023.
9	No favorecimento do bem-estar geral	MOHADDASEH et al., 2019; VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020; FREITAS; MELLO; SANTOS, 2021; VALLADARES-TORRES, 2021a.

Tabela 1. Melhorias destacadas nos estudos de Arteterapia desenvolvidos com mulheres adictas, que corroboram sobre a efetividade da Arteterapia junto a esse público trabalhado. Brasília, Distrito Federal, Brasil – 2024. Fonte: Arquivo do autor.

Como limitações desta pesquisa, pode-se sinalizar a restrição de um cenário único de saúde mental e o número reduzido de participantes. Salienta-se ainda que, por se tratar de estudo qualitativo, os dados analisados evocaram aspectos subjetivos de uma realidade e momentos únicos e que, por isso, devem-se evitar generalizações. Entretanto, consideram-se inegáveis as evidências e contribuições emanadas pelo estudo que foram expostas acerca dos desenhos projetivos da ponte em Arteterapia sobre a mulher - tendo como foco o cenário da dependência de drogas.

Acredita-se que os achados dessa pesquisa sejam importantes para integrar os caminhos que vêm sendo utilizados na prática terapêutica na assistência à mulher dependente de drogas, dentro de um serviço de saúde mental para que mais mulheres possam usufruir de tal experiência exitosa.

Considerações finais

A partir do estudo, verificou-se que as mulheres adictas participantes viviam em situação de vulnerabilidade física, emocional e social e foi por meio do desenho projetivo da ponte que oportunizou compreender a percepção dessas mulheres sobre sua condição de dependência.

Destaca-se ainda que, mesmo ao se considerar as particularidades de cada mulher participante da pesquisa, foi por meio do desenho que emergiram três categorias: A história de vida pregressa: percepções de vida antes da ponte; O caminho atual: percepções de vida durante a travessia da ponte; e Os desejos e os sonhos: perspectivas de futuro após a ponte. A imagem da ponte no papel simbolizou a passagem do passado rumo ao futuro, além da projeção do momento presente – a difícil travessia ou passagem da ponte ou do tratamento.

Nos relatos sobre o desenho da ponte, as participantes conseguiram verbalizar a conexão do desenho com sua vida pessoal relacionada à sua condição de mulher adicta. Verificou-se que existiam experiências semelhantes de fragilidade e demandas em cada categoria, na condição de mulher adicta. Surgiram sentimentos de tristeza, solidão, medo, estigma social, violência, conflitos de papéis, com exclusão social relacionadas com às drogas. As dificuldades para acessar o serviço de tratamento especializado e ser minoria nos grupos terapêuticos, acabavam por direcionar o tratamento para as demandas masculinas. Sobre os sonhos e pretensões futuras destacaram-se a manutenção do tratamento especializado, a mudança no estilo de vida, a reestruturação familiar e os cuidados com a autoimagem.

As mulheres adictas devem ser ouvidas e reconhecidas em suas fragilidades e seu sofrimento para que seja elaborado um plano terapêutico pautado em suas reais necessidades. Diante dessa vivência, acredita-se que o desenho projetivo e outras experiências na área de Arteterapia devem ser despertadas e ofertadas por profissionais da área nesse contexto, a fim de fazer compreender a dimensão de todo o sofrimento das mulheres adictas e valorizar as particularidades de suas dores e potencialidades, de forma lúdica e criativa.

O processo de Arteterapia é uma atividade que auxilia o participante a refletir sobre seu desenvolvimento como um agente mais ativo no seu tratamento; pois, ao colocar no papel seus sentimentos, pensamentos e sensações, a pessoa consegue olhar de forma

distanciada para sua vida, compartilhar verbalmente suas demandas, o que facilita a reflexão para que consiga alterar essa realidade em prol da sua reabilitação, do seu próprio bem-estar ao longo da vida e, assim, favorecer a sua saúde mental. Desta forma, conclui-se que essa dinâmica ofertada favoreceu o acolhimento, a escuta, a partilha e a reflexão de aspectos emocionais e anseios da mulher adicta para que ela possa fazer suas escolhas mais conscientes em suas múltiplas dimensões, conforme suas necessidades e sua subjetividade ao invés de uma única opção de ser o consumo da substância psicoativa.

Recomenda-se, ainda, a realização de novas pesquisas acerca da temática para que as mulheres se sintam mais conectadas e amparadas criativamente pela arte, além de contribuir para a consolidação e implementação de Arteterapia voltadas para essa clientela.

Data de recebimento: 24.05.2024

Data primeiro aceite: 15.09.2024

Data segundo aceite: 05.12.2024

Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CEZAR, A. P. F.; RIBEIRO, T.; FRANCKE, I. A mulher e a dependência química: Que relação é essa? **Diaphora – Revista Sociedade Psicologia RG**. v. 10, n. 3, p. 17-23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/217869.10.3-3>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2017.

DAREWYCH, O. H.; BOWERS, N. R. *Positive arts interventions: creative clinical tools promoting psychological well-being*. **Journal International Journal of Art Therapy**. v. 23, n. 2, p. 62-9, 2018.

FREITAS, B. L.; MELLO, R.; SANTOS, L. M. S. S. Residentes de Enfermagem e a terapia pela arte. **Revista Baiana de Enfermagem**. v. 35, p. e44427, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v35.44427>. Acesso em: 15 fev. 2025.

GJESTAD, R. *et al.* *Level and change in alcohol consumption, depression and dysfunctional attitudes among females treated for alcohol addiction*. **Alcohol** [Internet]. v. 46, n. 3, p. 292-300, 2011. Disponível em: www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/?term=21414951.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

HANES, M. *Road to recovery: road drawings in a gender-specific residential substance use treatment center*. **Journal of the American Art Therapy Association**. v. 34, n. 4, p. 201-8, 2017.

IURKIV, A. A. B. Impactos da dependência do álcool na vida social e familiar da mulher: uma visão humanista. **Faculdade Sant'Ana em Revista**. v. 3, n. 2, p. 142-57, 2019. Disponível

em: www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/621. Acesso em: 15 fev. 2025.

INOUE, L. *et al.* *Life perceptions and future perspectives of drug users: understand to care.* *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas.* v. 15, n. 2, p. 52-9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000417>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LACERDA, C. B.; FUENTES-ROJAS, M. **Significados e sentidos atribuídos ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) por seus usuários: um estudo de caso.** *Interface - Comunicação, Saúde, Educação.* v. 21, n. 61, p. 363-72, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0060>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LEÃO, N. M. F. *et al.* Perfil de mulheres acolhidas em leitos de um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Enfermagem em Foco* (Brasília). v. 11, n. 1, p. 63-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.2528>. Acesso em: 15 fev. 2025.

LUCCHESI, R. *et al.* *Common mental disorder among alcohol and drug abusers: a cross-sectional study.* *Texto Contexto Enfermagem.* v. 26, n. 1, p. e4480015, 2017.

MEDEIROS, K. T.; BARROS, M. M. M. A.; MACIEL, S. C. Representações sociais sobre mulher e mulher usuária de drogas. *Arquivo Brasileiro de Psicologia.* v. 72, n. 3, p. 19-34, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2020v72i3p.19-34>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MEDEIROS, K. T.; MACIEL, S. C.; SOUSA, P. F. *Women in the context of the drugs: social representations of users in treatment.* *Paideia.* v. 27, n. 1, p. 439-47, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201709>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MIRANDA, G. P.; NASCIMENTO, M. N.; SILVA, F. A. S. Mulheres, dependência química e a experiência de internação por uso de drogas. *Revista Científica UMC.* v. 6, n. 2, p. 1-4, 2021.

MOHADDASEH, M. *et al.* *The effect of mandala art therapy on reducing anxiety in women with substance abuse.* *Quarterly Journal of Research on Addiction.* v. 13, n. 53, p. 269-84, 2019. Disponível em: <http://etiadpajohi.ir/article-1-2151-en.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.

MOREIRA, R. M. M. *et al.* Transtorno mental comum em usuários de substâncias psicoativas. *Enfermagem em Foco.* v. 11, n. 1, p. 99-105, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.2528>. Acesso em: 15 fev. 2025.

NASCIMENTO, V. F. *et al.* Percepção de mulheres em situação de dependência química no interior de Mato Grosso, Brasil. *Cultura de los Cuidados.* v. 21, n. 48, p. 33-42, 2017. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/69270/1/CultCuid_48_04.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

SANTOS, J. A. T. *et al.* *Women in outpatient treatment for alcohol abuse: sociodemographic and clinical characteristics.* *Revista Brasileira de Enfermagem.* v. 72, n. 3, p. 93-101, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0399>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SLADE, T. *et al.* *Birth cohort trends in the global epidemiology of alcohol use and*

alcohol-related harms in men and women: systematic review and metaregression. BMJ Open. v. 6, p. e011827, 2016. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/6/10/e011827>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOARES, A. L. S. *et al.* Arteterapia com mulheres: revisão de literatura. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 41-50, 2020. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. Percepção de um grupo de mulheres toxicômanas em Arteterapia sobre o Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 29-40, 2020. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SOCOL, K. L. S. *et al.* Motivos da recaída ao uso de drogas por mulheres na perspectiva da Fenomenologia Social. **Enfermagem em Foco**. v. 10, n. 15, p. 118-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. *Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. International Journal for Quality in Health Care.* v. 19, n. 6, p. 349-57, 2007. Disponível em: <https://doi:10.1093/intqhc/mzm042>. Acesso em: 15 fev. 2025.

TORRES, A. C. A. V.; LIMA, V. H. R. Desenhos que revelam o processo de adoecimento de mulheres usuárias de um CAPS-ad III. **Archives of Health**. v. 1, n. 5, p. 364-86, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46919/archv1n5-020>. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias: da patologização ao desenvolvimento criativo**. Curitiba: CRV; 2021a.

_____. **Arteterapia na saúde: da dor à criatividade**. Curitiba, PR: CRV, 2021b. 166p. Vol.1.

_____. Arteterapia no cuidado à saúde mental de mulheres adictas no acolhimento integral. *In: FREITAS, S. A. A. (org.). Coletânea Saúde e Bem-Estar: teorias e práticas*. São Luís: Pascal, 2020. p. 34-52.

_____. Arteterapias criativas com mulher dependente de múltiplas drogas – um estudo de caso. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**. v. 25, n. 1, p. 26-37, 2018. Disponível em: <https://www.abcaArteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 15 fev. 2025.

_____. O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência – uma experiência em Arteterapia. **Revista. Arteterapia da AATESP**. v. 9, n. 1, p. 4-30, 2018. Disponível em: www.aatesp.com.br/revista. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MARQUES, A. H. S. Avaliação da maquiagem em Arteterapia com mulheres dependentes de drogas – Estudo piloto. *In: BARBOSA, F. C. (org.). Tópicos em ciências da saúde – volume VI*. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2021. p.150-170.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MARTINS, N. S. Arteterapia com homens e mulheres dependentes de drogas: análise do desenho da ponte e a diferença entre gêneros. *In: KLAUSS, J.; ALMEIDA, F. A. (org.). Saúde mental: interfaces, desafios e cuidados em*

pesquisa - volume 3. Guarujá: Científica Digital, 2023. p. 42-64.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Alterações das emoções nas intervenções de Arteterapia com o uso de histórias aplicadas a mulheres dependentes de drogas. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**. v. 27, n. 1, p. 18-28, 2020. Disponível em: www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Uso de histórias em Arteterapia: perspectiva terapêutica para mulheres dependentes de droga. **Revista Arteterapia da AATESP**. v. 10, n. 2, p. 19-39, 2019. Disponível em: www.aatesp.com.br/resources/files/downloads/revista_v10_n2.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; NEVES, B. L. Arteterapia com mulher alcoolista: relação com sintomas de ansiedade e de depressão – relato de caso. *In*: BARBOSA, F. C. (org.). **Ciências da Saúde: uma abordagem pluralista**. v. II. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2020. p. 55-71.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; RODRIGUES, L. T. A. Eficácia de programa de Arteterapia com grupo de mulheres com dependência de drogas. **Revista Arteterapia Proceso Creativo Transformación**. v. 7, p. 50-6, 2020. Disponível em: www.arteterapiarevista.com.ar. Acesso em: 15 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SANTIAGO, E. C. L. Arteterapia com grupo de mulheres em sofrimento mental relacionado ao uso abusivo de substâncias psicoativas. *In*: BARBOSA, F. C. (org.). **Ciências da Saúde: uma abordagem pluralista**. Piracanjuba: Conhecimento Livre, 2020. p. 122-147.

VENOSA, P. A. S. Grupos psicoterapêuticos de mulheres dependentes químicas: questões de gênero implicadas no tratamento. **Revista SPAGESP**. v. 12, n. 1, p. 56-65, 2011. Disponível em: <https://psykebase.es/servlet/articulo?codigo=5468736>. Acesso em: 15 fev. 2025.

WIELGANCZUK, R. P.; GUADAIM, L. M.; SOARES, M. H. Arteterapia como reabilitação psicossocial e inclusão social de dependentes químicas apenadas. **Anais XI Simpósio de Humanização em Saúde: Sensibilizarte: a arte como instrumento para humanização na formação e no cuidado em saúde – segunda fase**. v. 1, p. 17-18, 2018. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/shs/article/view/320/294>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**Arteterapia e sofrimento psíquico associado ao uso de drogas: Que relação é essa?
Art therapy and psychic suffering associated with drug use: What is this relationship?**Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres¹Jessica Correia de Oliveira Souza²

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar as evidências das pesquisas desenvolvidas sobre os efeitos da Arteterapia voltada para pessoas adultas em sofrimento psíquico em decorrência do uso de drogas. Trata-se de uma revisão integrativa na qual foram incluídos artigos publicados entre 2018 e 2022, nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), US National Library of Medicine and National Institutes of Health (PUBMED) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o Google Acadêmico, obtidos a partir dos descritores (Arteterapia) and (Transtornos relacionados ao uso de substâncias). Foram levantados 2.639 artigos, sendo 24 elegíveis para análise. Surgiram três categorias temáticas: a) modalidades expressivas como instrumento de diagnóstico; b) avaliação de programas em Arteterapia; e c) estudos comparativos e/ou evolutivos. Evidenciou-se que a Arteterapia e seus efeitos terapêuticos podem ser explorados e utilizados como uma das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS) que oferecem uma assistência nos cuidados em saúde mental, em especial com esse grupo de pessoas em sofrimento psíquico, e que estimula a energia criativa e a redução de danos psíquicos desencadeados pela doença.

Palavras-chave: Arteterapia; saúde mental; transtornos relacionados ao uso de substâncias; práticas integrativas e complementares de saúde.

Abstract: The objective of this study was to analyze the evidence from research carried out on the effects of art therapy aimed at adults experiencing psychological distress as a result of drug use. This is an integrative review in which articles published between 2018 and 2022 were included, in the following databases: Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Library Online (SciELO), US National Library of Medicine and National Institutes of Health (PUBMED) and Electronic Journals of Psychology (PePSIC) and Google Scholar, obtained from the descriptors (Art Therapy) and (Substance use disorders). 2,639 articles were collected, 24 of which were eligible for analysis. Three thematic categories emerged: a) expressive modalities as a diagnostic tool; b) evaluation of art therapy programs; and c)

¹ Arteterapeuta há 27 anos, prof^a Dra da Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9601473625455733>. Associada pela Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA) no 001/0301.

² Enfermeira formada pela Universidade de Brasília (UnB). *Link* do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5280635877803981>.

comparative and/or evolutionary studies. It was evident that art therapy and its therapeutic effects can be explored and used as one of the Integrative and Complementary Health Practices that offer assistance in mental health care, especially with this clientele and that stimulates creative energy and harm reduction psychic symptoms triggered by the disease.

Keywords: Art therapy; mental health; substance use disorders; integrative and complementary health practices.

Introdução

O sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas é um problema global e tem aumentado expressivamente nos últimos anos. No Brasil, em 2021, o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou 400,3 mil atendimentos a pessoas com transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de drogas e de álcool (BRASIL, 2022). A característica essencial de um transtorno por uso de substâncias consiste na presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que indicam o uso contínuo pelo indivíduo, apesar de problemas significativos relacionados à substância (APA, 2023).

O sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas é um fenômeno complexo e multifatorial que pode desencadear repercussões negativas em várias relações do usuário e trazer prejuízos direta e indiretamente à vida pessoal, psicoafetiva, funcional, acadêmica e socioeconômica, entre outras. Aspectos que podem desencadear abandono escolar, desemprego ou problemas laborais, desestruturação familiar, rompimento de vínculos, separação, abandono do lar e situação de rua, comportamento sexual de risco, agressões físicas, crimes, acidentes de trânsito e comorbidades clínicas e psiquiátricas com risco aumentado de suicídio (CAPISTRANO *et al.*, 2018). Segundo Danieli *et al.* (2017), a vulnerabilidade da população em sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas demanda tratamento especializado, que deve ser adequado às particularidades de cada caso, associadas à gravidade do sofrimento, dos estigmas sofridos, da dificuldade de aceitação do transtorno, da presença de comorbidades, do perfil sociodemográfico e de apoio socioafetivo para o enfrentamento da situação.

No contexto de tratamento e cuidados desse sofrimento, surgem as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que podem estimular a prevenção, a promoção e a recuperação do processo saúde-doença em um cuidado humanizado. A Arteterapia é uma prática terapêutica dentro das PICS que estimula a criatividade, o autoconhecimento, a reflexão e a transformação; ao mesmo tempo em que estimula o participante a projetar imagens ou símbolos nos desenhos, pinturas, colagens, modelagens dramatização, que são reflexos do seu inconsciente; possibilita, ainda, que se entre em contato com as dimensões mais profundas de seu ser para explorá-las

(VALLADARES-TORRES, 2021a; 2021b).

Historicamente, a arte como abordagem terapêutica parte das vertentes teóricas de Freud e de Jung. De acordo com Reis (2014), a ideia freudiana de que o inconsciente se expressa por imagens, tais como as originadas no sonho, levou à compreensão das imagens criadas na arte como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente. Além do mais, o autor reitera que Jung considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas. No Brasil, a Arteterapia ligada à saúde mental tem como precursores os psiquiatras Osório Cesar e Nise da Silveira; ambos contribuíram para o desenvolvimento de uma outra abordagem frente à loucura, contrapondo-se aos métodos agressivos de contenção vigentes no século XX.

De acordo com Valladares-Torres *et al.* (2023), a Arteterapia envolve atividades que visam a valorizar as qualidades, facilitar a autonomia dos usuários e criar boas expectativas em suas vidas, dentro das suas possibilidades e seus limites, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de seus participantes. Portanto, a Arteterapia como ferramenta terapêutica nos transtornos relacionados ao uso de substâncias apresenta significativa importância, ao auxiliar na expressão do inconsciente e na organização dos conflitos internos, fatores que se mostram de extrema relevância para o processo terapêutico. Todavia, a Arteterapia ainda é uma prática pouco difundida, mas que ganha paulatino destaque no âmbito da saúde mental.

Tendo em vista que os problemas relacionados ao sofrimento psíquico decorrente do consumo de drogas têm crescido nos últimos anos e que houve um aumento proporcional de pesquisas sobre a aplicação da Arteterapia neste contexto, mas poucos artigos de revisão têm sido investigados e discutidos nos últimos cinco anos, o que dificulta a abordagem do assunto. A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de reunir uma revisão da literatura com o propósito de conhecer melhor a aplicação da Arteterapia com esse público e fomentar novas discussões críticas sobre o tema. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar as evidências das pesquisas desenvolvidas sobre os efeitos da Arteterapia voltada para pessoas adultas em sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas.

Método

Trata-se de um artigo de revisão integrativa da literatura (RI) de abordagem qualitativa, método que possibilita analisar e sintetizar o conhecimento produzido de maneira ordenada e sistemática, cujo propósito prevê a criação de um significativo achado procedente de estudos diversos e expressivos sobre determinado tema (SOARES *et al.*, 2014). Para os autores, mesmo que as publicações tenham métodos diversificados, estão em conformidade com o perfil epistemológico das pesquisas empíricas analisadas e

favorecem com o avanço da ciência, enquanto oportunizam o preenchimento de lacunas com a finalidade de explorar o tema.

Esta RI foi realizada conforme as seguintes etapas de Whitemore e Knafl (2005): formulação da questão norteadora do estudo, determinação dos critérios para a seleção da amostra e busca na literatura, estabelecimento de informações a serem extraídas das pesquisas eleitas, análise do conteúdo dos textos inseridos na revisão, interpretação dos resultados e divulgação da revisão.

Foi elaborada uma questão norteadora a partir da estratégia PICO, uma abreviação construída por P: participantes, I: fenômeno de interesse e Co: contexto do usuário, conforme recomendação do Jonna Briggs Institute (JBI, 2014). Assim, delineou-se a questão norteadora do estudo: Quais são as evidências disponíveis acerca dos efeitos da Arteterapia voltada para o público adulto em sofrimento psíquico relacionado ao uso de substâncias psicoativas?

Os critérios de inclusão foram: artigos científicos na íntegra e disponíveis gratuitamente, publicados nos últimos cinco anos (2018-2022), nos idiomas Português, Espanhol ou Inglês, que respondam à questão norteadora e que tenham a Arteterapia e dependência de drogas como tema primário. Foram excluídos os estudos de revisão sistemática e integrativa de literatura ou de reflexão, monografias, dissertações, teses, relatos de experiência, textos de literatura cinzenta e os duplicados; textos que se afastam dos objetivos desse estudo; texto que têm como público-alvo apenas o público adulto em sofrimento psíquico relacionado ao uso de substâncias psicoativas.

Foram incorporadas as seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no qual serão incluídos: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF). Assim como, da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), US National Library of Medicine and National Institutes of Health (PUBMED), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o Google Acadêmico.

As bases de dados foram orientadas pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH). Foram aplicados os seguintes descritores: “Arteterapia” *and* “transtornos relacionados ao uso de substâncias” *or* “transtorno aditivo” *or* “dependência química” - em português; “art therapy” *and* “substance-related disorders” *or* “transtorno aditivo” *or* “dependência química” - em inglês; e “Arteterapia”, “trastornos relacionados con sustancias” *or* “transtorno aditivo” *or* “dependência química” - em espanhol”. E foi empregado o operador booleano *and* para a combinação dos descritores. O levantamento foi concretizado no mês de março de 2023.

A síntese final deste estudo foi desenvolvida de maneira descritiva e qualitativa e foram levados em consideração os termos representativos da amostra da RI, as ideias

convergentes entre os autores, posteriormente agrupadas em categorias temáticas e foi permeada por princípios éticos de respeito aos autores dos artigos científicos apresentados. Os artigos elegíveis para o estudo de revisão foram tabulados em uma planilha conforme as perguntas e os objetivos de pesquisa (a partir do sistema PICO).

Resultados

No primeiro momento, a seleção dos artigos foi verificada em pares pelos pesquisadores que os analisaram de forma crítica e detalhada. Os estudos foram escolhidos, inicialmente, a partir de resumos e depois, pela leitura integral.

Dos 2.639 artigos pesquisados, 209 estavam duplicados e foram eliminados. Dentro dos critérios de exclusão foram eliminados 977 artigos. Foram eleitos 53 artigos e, após a leitura completa, 29 deles foram excluídos. Por fim, foram incluídos ao trabalho um total de 24 artigos. O fluxograma a seguir, apresentado pela Figura 1, contém os artigos selecionados e a sequência aplicada até a inclusão daqueles avaliados como pertinentes para análise, de acordo com os critérios estabelecidos para esta revisão.

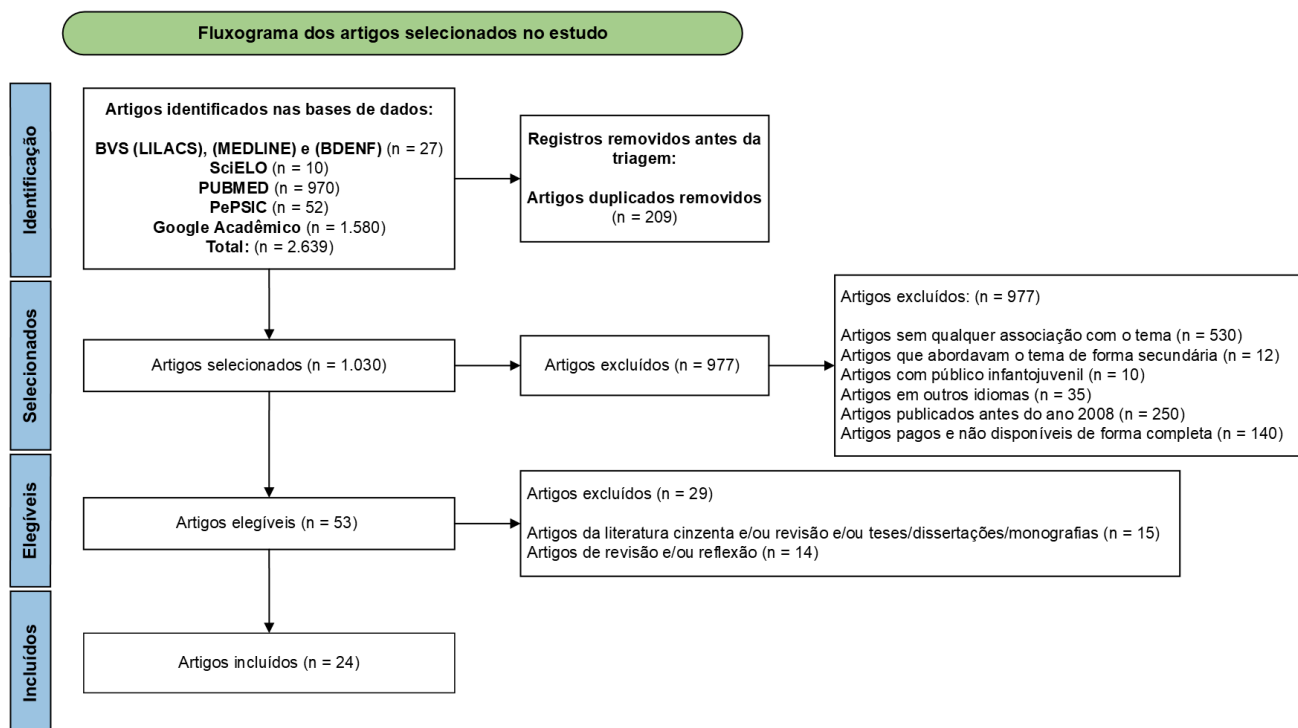


Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos adaptado do PRISMA. Brasília, DF, Brasil, 2024. Fonte: Dados da pesquisa, adaptado de Page (2022).

Realizou-se uma síntese dos dados, com o intuito de extrair, organizar e resumir as informações na apresentação dos resultados e empregou-se o Quadro 1. Foram percebidas

as seguintes variáveis: numeração (A) e país em que foi desenvolvida a pesquisa, título, autor do artigo, periódico e ano de publicação, objetivo, método e instrumentos de coleta de dados dos estudos selecionados na pesquisa.

Artigo/ País	Título/ Autor/ Revista/ Ano	Objetivo	Método	Instrumentos de coleta de dados
A1 Brasil	Percepção de dependentes de drogas a partir de um desenho da ponte em Arteterapia associado ao processo de tratamento. Valladares-Torres, A. C. A.; Silva, L. J. Revista de Arteterapia da AATESP (2022).	Identificar os aspectos associados ao processo de tratamento de dependentes de álcool e de outras drogas, a partir de um desenho da “ponte”, segundo a percepção dos usuários, de forma comparativa entre pessoas recém-ingressas ao serviço e as que estavam em médio e longo processo de tratamento.	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem quali-quantitativa; todas as análises foram realizadas de forma comparativa entre três grupos: início, intermediário e avançado de tratamento. Análise de conteúdo temática.	Questionário sobre o perfil do usuário; desenho da “ponte”; questionário sobre o desenho.
A2 Espanha	<i>Tendencias plásticas de usuarios drogodependientes en un programa de arteterapia en el contexto penitenciario.</i> Foruria Jiménez, P.; Cruz-Quintana, F.; Rodriguez Sabiote, C. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social (2020).	Determinar se existe uma relação entre o resultado plástico e as características individuais e sociais do recluso (dependência e crime) para estabelecer perfis arteterapêuticos.	Foi implementada uma metodologia baseada em um estudo analítico quantitativo. Análise de conteúdo temática.	Dados sobre o perfil dos participantes por meio do prontuário individual; programa de intervenção; registros fotográficos; análise dos dados escritos e narrados e das imagens produzidas; supervisão da intervenção.
A3 Brasil	Percepção de um grupo de mulheres toxicômanas em Arteterapia sobre o Centro de Atenção Psicossocial. Soares, A. L. S.; Valladares-Torres, A. C. A. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2020).	Compreender o desenho projetivo do CAPS-ad na perspectiva de mulheres toxicômanas.	Estudo descritivo exploratório de abordagem qualitativa. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Entrevista sobre o perfil das participantes; desenho do “CAPS-ad”; Inquérito semiestruturado sobre o desenho projetado.
A4 Brasil	Alterações das emoções nas	Analisar e comparar o nível emocional de	Estudo descritivo,	Questionário sobre o perfil das participantes;

	<p>intervenções de Arteterapia com o uso de histórias aplicadas a mulheres dependentes de drogas.</p> <p>Valladares-Torres, A. C. A.; Moreira, D. S. S. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2020).</p>	<p>mulheres dependentes de drogas antes e após cada intervenção de Arteterapia.</p>	<p>exploratório, comparativo e avaliativo, com abordagem quantitativa. Empregou-se o <i>software</i> Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)®, versão 20.0.</p>	<p>“Termômetro das Emoções” em pré e pós-teste das participantes, antes e após quatro intervenções de Arteterapia.</p>
A5 Brasil	<p>Genograma em Arteterapia como mapa das relações familiares de dependentes de drogas.</p> <p>Valladares-Torres, A. C. A.; Carvalho, L. T. V. Revista Espaço Ciência & Saúde (2020).</p>	<p>Descrever as relações familiares na visão do dependente de drogas, a partir do desenho do Genograma em Arteterapia.</p>	<p>Estudo exploratório e descritivo de abordagem mista. Análise de conteúdo temática. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.</p>	<p>Desenho do Genograma; inquérito sobre o desenho.</p>
A6 Brasil	<p>Eficácia de programa de Arteterapia com grupo de mulheres com dependência de drogas.</p> <p>Valladares-Torres, A. C. A.; Rodrigues, L. T. A. Revista Arteterapia Processo Creativo Transformación (2020).</p>	<p>Avaliar a eficácia de um programa de Arteterapia grupal voltado para mulheres dependentes de drogas.</p>	<p>Estudo descritivo, exploratório, com delineamento de abordagem qualitativa. Análise de conteúdo temático.</p>	<p>Roteiro sobre o perfil das participantes; questão aberta de saída: Qual é o valor de um grupo de Arteterapia voltado para um grupo exclusivo de mulheres dependentes de drogas?, aplicada no final das intervenções de Arteterapia.</p>
A7 Brasil	<p>Utilização de técnicas de Arteterapia na reabilitação de pessoas com transtornos induzidos por substâncias.</p> <p>Valladares-Torres, A. C. A.; Souza, J. C. M. Archives of Health (2020).</p>	<p>Identificar a percepção de um grupo de pessoas adultas com transtornos induzidos por substâncias sobre as intervenções de Arteterapia. Caracterizar os participantes do estudo de acordo com variáveis sociodemográficas e clínicas, além de comparar o termômetro das emoções dos participantes antes e após cada</p>	<p>Pesquisa qualiquantitativa, descritiva e exploratória recorrendo de instrumentos aplicados aos toxicômanos, como <i>feedback</i> individual ao final de três intervenções de Arteterapia. Análise de conteúdo temático.</p>	<p>Questionário sobre o perfil dos participantes; questão aberta: “O que significou a atividade de Arteterapia para você hoje?”; “Termômetro das emoções” utilizado no início e final de cada intervenção de Arteterapia.</p>

		intervenção de Arteterapia.		
A8 Brasil	<p>Desenhos que revelam o processo de adoecimento de mulheres usuárias de um CAPS-ad III.</p> <p>Torres, A. C. A. V.; Lima, V. H. R. Archives of Health (2020).</p>	<p>Conhecer o processo de adoecimento, por meio do desenho “metáfora da chuva” sob a ótica de mulheres dependentes de substâncias psicoativas que estavam em proposta terapêutica no CAPS-ad.</p>	<p>Estudo exploratório-descriutivo com abordagem qualitativa. Análise de conteúdo temático.</p>	<p>Entrevista sobre o perfil das participantes; inventário de Depressão de Beck; inventário de Ansiedade de Beck; desenho da “metáfora da chuva”; inquérito sobre o desenho.</p>
A9 Brasil	<p>O desenho “metáfora da chuva” como instrumento de comunicação terapêutica da problemática de uso de drogas.</p> <p>Angelim, S. M. A. V.; Valladares-Torres, A. C. A. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2019).</p>	<p>Aplicar e avaliar o desenho, denominado de “metáfora da chuva”, como instrumento de comunicação terapêutica, predominantemente não verbal, a fim de identificar necessidades do processo de adoecimento para melhor elaboração do plano terapêutico do participante.</p>	<p>Pesquisa com abordagem quantitativa, do tipo descritivo e exploratório. Foi um estudo-piloto de criação e de avaliação de um instrumento. Análise de conteúdo temático.</p>	<p>Entrevista sobre o perfil dos participantes; Desenho da “metáfora da chuva”; inquérito semiestruturado sobre o desenho.</p>
A10 Brasil	<p>O desenho como terapia e elucidação de sonhos com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas do Distrito Federal.</p> <p>Fernandes, M. C.; Valladares-Torres, A. C. A. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2019).</p>	<p>Avaliar o uso de desenho projetivo da “ponte” em Arteterapia como terapia e elucidação de sonhos com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas do Distrito Federal.</p>	<p>Estudo descritivo, exploratório e com abordagem mista. Análise de conteúdo temático.</p>	<p>Entrevista sobre o perfil das participantes; Desenho da “ponte”; Entrevista sobre o desenho que continha o título e quais os sonhos, objetivos e/ou responsabilidade/ sonhos dele/a partir da ponte?</p>
A11 Espanha	<p><i>Grupos de tabaco, nuevos caminos para la arteterapia. Experiencia cognitivo-conductual con arteterapia en un Centro Municipal de Salud Comunitaria.</i></p> <p>García Bartolomé, P. Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística</p>	<p>Buscar uma forma complementar de colaboração com o tratamento psicofarmacológico, analisar as funções psicológicas e autorreguladoras das imagens internas e considerar a Arteterapia como um possível fator de</p>	<p>Metodologia exploratória de pesquisa mista (MMI), com coleta e análise de dados utilizando instrumentos qualitativos e quantitativos. Trabalhou-se com a combinação de</p>	<p>Diário de campo; análises dos trabalhos e do desenvolvimento das sessões; entrevista em grupo aberta no final do tratamento com questionário de avaliação do programa (qualitativa); questionário de avaliação subjetiva para avaliar os</p>

	para la inclusión social (2019).	adesão ao tratamento do tabagismo. A combinação de Arteterapia e terapia cognitivo-comportamental tornou possível convergir os objetivos dos dois tipos de intervenções.	Arteterapia e terapia cognitivo-comportamental.	resultados das sessões (quantitativo).
A12 Brasil	<i>Impact of brief intervention and art therapy for alcohol users.</i> Soares, M. H.; Rolin TFC; Machado FP; Ramos LKF; Rampazzo ARP. Revista Brasileira de Enfermagem (2019).	Identificar o impacto da intervenção breve em conjunto com a Arteterapia em usuários que consomem álcool.	Delineamento intragrupo quantitativo, foi calculada a medida de efeito de Cohen e teste t pareado, para identificar o impacto das ações na redução do consumo de álcool.	Teste AUDIT para identificação do nível de consumo de álcool ao início/término das ações; intervenção breve aplicada no primeiro e último encontro.
A13 Brasil	Uso de histórias em Arteterapia: perspectiva terapêutica para mulheres dependentes de droga. Valladares-Torres, A. C. A.; Moreira, D. S. S. Revista de Arteterapia da AATESP (2019).	Avaliar o uso de histórias em Arteterapia na perspectiva terapêutica para mulheres dependentes de drogas.	Estudo descritivo, exploratório, comparativo e avaliativo, com abordagem quantitativa. Análise estatística analítica.	Questionário sobre o perfil das participantes; inventário estruturado de saída.
A14 Brasil	A Ponte da Vida: evolução psicossocial de homem dependente de drogas a partir de representações gráficas. Valladares-Torres, A. C. A.; Anicácio, N. S.; Lago, D. M. S. K.; Araújo, A. H. I. M. Revista Científica Arteterapia Cores da Vida (2019).	Analisar, de forma comparativa, dois desenhos projetivos da “A Ponte da Vida” desenvolvidos por um dependente de drogas em dois momentos distintos e correlacioná-los com seu comportamento nesses dois períodos.	Pesquisa descritiva exploratória, de caráter qualitativo., Estudo de caso único. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Questionário sobre o perfil do participante; dois desenhos da “ponte” desenvolvida em cada encontro; observação e análise das alterações comportamentais do usuário.

A15 Inglaterra	<p><i>In the margins: Art therapy with a homeless man under the influence of alcohol.</i></p> <p>Miller, C.; Brown, C. ATOL: Art Therapy OnLine (2018).</p>	Apresentar um caso de Arteterapia de curta duração com uma pessoa em situação de rua realizado por uma terapeuta estagiária.	Estudo de caso qualitativo.	Dados sobre o perfil do participante; análise das sessões.
A16 Brasil	O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência – uma experiência em Arteterapia. Valladares-Torres, A. C. A.; Oliveira, A. L.; Lago, D. M. S. K.; Souza, J. M. Revista de Arteterapia da AATESP (2018).	Identificar a percepção da autoimagem corporal de mulheres toxicômanas assistidas por um serviço de saúde mental.	Relato de casos qualitativos. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Questionário sobre perfil das participantes; desenho da autoimagem; inquérito sobre o desenho; inventário de Depressão de Beck (BDI); inventário de Ansiedade de Beck (BAI).
A17 Brasil	Máscaras em Arteterapia com usuários do Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas. Valladares-Torres, A. C. A.; Costa, M. V. G. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Identificar a percepção que têm toxicômanos a respeito das intervenções de Arteterapia, quando são utilizadas máscaras com os quatro elementos em um CAPS-ad.	Estudo misto de natureza descritiva e exploratória.	Questionário sobre o perfil dos participantes; ficha de avaliação de características comportamentais; quatro máscaras com os elementos da tipologia junguiana (terra, fogo, ar e água); análise das sessões; questões abertas sobre as máscaras.
A18 Brasil	O uso da máscara e a tipologia de Jung em Arteterapia com alcoolistas – estudos de caso. Valladares-Torres, A. C. A.; Lago, D. M. S. K. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Analisar o processo de Arteterapia com o uso das máscaras e a tipologia de Jung em dois alcoolistas usuários de CAPS-ad.	Pesquisa clínico-qualitativa em forma de estudo de caso múltiplo. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Questionário sobre o perfil dos participantes; quatro máscaras com os elementos da tipologia junguiana (terra, fogo, ar e água); análise das sessões; dados sobre a reflexão relatadas pelos participantes sobre o processo vivenciado e a criação das máscaras; ficha de avaliação de características comportamentais.
A19 Brasil	A exploração de desenho/colagem projetivo da árvore: uma visão dos usuários do serviço.	Conhecer e compreender o imaginário de toxicômanos sobre o desenho/colagem	Estudo misto do tipo descritivo e exploratório.	Questionário sobre o perfil dos participantes; desenho/colagem da “árvore” a partir de sementes;

	Valladares-Torres, A. C. A.; Callai, V. S. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	da árvore projetiva, a partir de sementes desenvolvidas em uma intervenção de Arteterapia no CAPS-ad.	Análise de conteúdo temático. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	questões semiestruturadas sobre o desenho/colagem; roteiro de avaliação da representação plástica.
A20 Brasil	Imaginário de dependentes de drogas sobre desenho projetivo/colagem da árvore em Arteterapia – estudos de caso. Valladares-Torres, A. C. A.; Lago, D. M. S. K. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Realizar uma análise compreensiva individual do desenho/colagem projetivo da árvore a partir da semente elaborado pelos usuários de um serviço de saúde mental durante uma intervenção da Arteterapia à luz da Psicologia Analítica.	Estudos de caso clínico-qualitativo do tipo descritivo e exploratório. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Questionário sobre o perfil dos participantes; desenho/colagem da “árvore” a partir de sementes; inquérito semiestruturado sobre o desenho/colagem; roteiro de avaliação da representação plástica.
A21 Brasil	Programa de Arteterapias criativas com usuários do Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas. Valladares-Torres, A. C. A.; Torres, K. N.; Lago, D. M. S. K.; Sousa, J. M. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Identificar a percepção de toxicômanos sobre um programa de intervenção com Arteterapia.	Estudo de métodos mistos, de natureza descritiva e exploratória. Análise de conteúdo temático.	Entrevista sobre o perfil dos participantes; inventário semiestruturado individual aplicado aos participantes ao final da sessão de Arteterapia; questionário aberto: “O que essa dinâmica representou para você durante o seu tratamento?” ao final da sessão de Arteterapia.
A22 Brasil	Efeitos das arteterapias criativas com dependentes de drogas: uso da arte, da música e da dança/movimentos corporais. Valladares-Torres, A. C. A.; Torres, K. N. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Comparar o nível emocional das pessoas dependentes de drogas antes e após as intervenções de “arteterapias criativas” de um CAPS-ad.	Estudo quantitativo de natureza descritiva, exploratória e comparativa	Entrevista sobre o perfil dos participantes; “termômetro das emoções” aplicado aos participantes no início/final das sessões de Arteterapia.
A23 Brasil	Arteterapias criativas com mulher dependente de múltiplas drogas – um estudo de caso.	Avaliar a eficácia da interseção da arte, da música e da dança ou do movimento em um processo de	Estudo de caso único, descritivo e exploratório, de caráter qualitativo.	Questionário com dados do perfil da participante; “termômetro das emoções” aplicado aos participantes no

	Valladares-Torres, A. C. A. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	arteterapias criativas com uma mulher dependente de múltiplas drogas e usuária de um CAPS-ad.	Utilizou-se a fundamentação teórica da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	início/final das sessões de arteterapia; questão aberta: “O que essa dinâmica representou para você durante o seu tratamento?” no final da sessão; inventário estruturado de saída aplicado ao final da sessão de Arteterapia; trabalhos artísticos.
A24 Brasil	Mulheres dependentes de drogas - desenho projetivo da figura humana e sua relação com os sintomas de ansiedade e depressão. Valladares-Torres, A. C. A. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida (2018).	Analisar as características dos desenhos da figura humana confeccionados por mulheres toxicômanas e avaliar sintomas depressivos e ansiosos dessa clientela.	Estudo quali-quantitativo, descritivo e exploratório. Análise compreensiva da imagem com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung.	Questionário com dados sobre o perfil das participantes; inventário de Depressão de Beck; Inventário de Ansiedade de Beck, Desenho da “figura humana”; inquérito sobre o desenho.

Quadro 1. Sistematização dos estudos selecionados ordenados por data decrescente de publicação. Brasília, DF, Brasil, 2024. Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quanto ao local em que foi desenvolvida a pesquisa, foi possível identificar que a maioria das pesquisas estão localizadas no Brasil ($n = 21$), mas também surgiram artigos desenvolvidos na Espanha ($n = 2$) e Inglaterra ($n = 1$). Apesar da grande variedade geográfica encontrada nos artigos inicialmente, poucos artigos estavam disponíveis gratuitamente e na íntegra. Quanto ao ano de publicação, a maioria dos artigos foi publicada em 2018 ($n = 10$), seguida de 2020 ($n = 7$), 2019 ($n = 6$), 2022 ($n = 1$) e nenhum em 2021.

Em relação aos periódicos, os artigos, em sua maioria, foram publicados em revistas de Arteterapia, no Brasil, na Espanha, na Argentina e na Inglaterra ($n = 20$). Da mesma forma, houve publicação em revistas de saúde ($n = 4$). Houve repetição de autores, entretanto os artigos trouxeram uma diversidade de grupo de pesquisadores. Foram trabalhados os métodos mistos ($n = 10$), qualitativos ($n = 09$) e quantitativos ($n = 05$). Nas investigações empregadas, predominaram a análise de conteúdo ($n = 10$) e as explorações compreensivas das imagens com apoio na visão da Psicologia Analítica de C. G. Jung ($n = 09$), assim como estudos de caso único ou múltiplo ($n = 06$) e associação de terapias ($n = 02$).

Os instrumentos de coleta de dados mais utilizados foram: questionário sobre o perfil dos usuários-participantes, análise dos trabalhos artísticos desenvolvidos, questionário

específico sobre esses trabalhos e avaliação do Programa de Intervenção em Arteterapia. Igualmente foram empregados o “termômetro das emoções” antes e após as intervenções de Arteterapia, diário de Campo, análise das intervenções e das alterações comportamentais dos usuários. Ademais, utilizaram-se os Inventários de Depressão e de Ansiedade de Beck, o Teste AUDIT e a Intervenção Breve aplicados no primeiro e último encontro.

Os artigos abordaram modalidades expressivas, número de intervenções e de participantes, local e público-alvo variados. Seguem, no Quadro 2, as delimitações exatas de local, público-alvo, intervenção de Arteterapia e modalidades expressivas trabalhadas de cada artigo pesquisado.

Artigo	Local	População Alvo	Intervenção de Arteterapia	Modalidade Expressiva
A1	CAPS-ad	108 pessoas dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho da ponte
A2	Penitenciária	23 homens dependentes de múltiplas drogas	19 sessões coletivas	Técnicas diversas
A3	CAPS-ad	10 mulheres dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho do CAPS-ad
A4	CAPS-ad	22 mulheres dependentes de múltiplas drogas	4 sessões grupais	Histórias e técnicas diversas
A5	CAPS-ad	35 pessoas dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho/Colagem
A6	CAPS-ad	24 mulheres dependentes de múltiplas drogas	9 sessões grupais	Técnicas diversas
A7	CAPS-ad	34 pessoas dependente de múltiplas drogas	3 sessões grupais	Técnicas diversas de arte, relaxamento e visualização criativa
A8	CAPS-ad	28 mulheres dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho
A9	CAPS-ad	34 pessoas dependentes de múltiplas drogas	3 sessões grupais	Desenho
A10	CAPS-ad	108 pessoas dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho
A11	Centro Municipal de Saúde Comunitária	14 pessoas dependentes de tabaco	9 sessões grupais	Técnicas diversas
A12	Unidade Básica de Saúde	11 homens alcoolistas	40 sessões grupais	Mosaico
A13	CAPS-ad	22 mulheres dependentes de múltiplas drogas	4 sessões grupais	Histórias e técnicas diversas
A14	CAPS-ad	1 homem dependentes de múltiplas drogas	2 sessões individuais	Desenho
A15	Albergue Residencial	1 homem alcoolista em situação de rua	18 sessões individuais	Técnicas diversas

A16	CAPS-ad	5 mulheres dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho
A17	CAPS-ad	55 pessoas dependentes de múltiplas drogas	4 sessões grupais	Construção de máscaras
A18	CAPS-ad	2 homens alcoolistas	4 sessões grupais	Construção de máscaras
A19	CAPS-ad	12 homens dependentes de múltiplas drogas	1 sessão grupal	Desenho/Colagem
A20	CAPS-ad	12 homens dependentes de múltiplas drogas	1 sessão grupal	Desenho/Colagem
A21	CAPS-ad	37 pessoas dependentes de múltiplas drogas	3 sessões grupais	Desenhos, música e dança/movimentos corporais
A22	CAPS-ad	35 pessoas dependentes de múltiplas drogas	4 sessões grupais	Desenhos, música e dança/movimentos corporais
A23	CAPS-ad	1 mulher dependente de múltiplas drogas	3 sessões grupais	Desenhos, música e dança/movimentos corporais
A24	CAPS-ad	26 mulheres dependentes de múltiplas drogas	1 sessão individual com cada participante	Desenho

Quadro 2. Local, público-alvo, intervenção de Arteterapia e modalidades expressivas trabalhadas nos estudos selecionados. Brasília, DF, Brasil, 2024. Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Observou-se que, quanto ao gênero, os artigos pesquisados tiveram um número aproximadamente igualitário de estudos: grupo misto (n = 9), trabalhos com mulheres (n = 8) e com pessoas do gênero masculino (n = 7). A maioria dos estudos se concentrou em valer-se de técnicas mistas como modalidades expressivas (n = 10), seguidas do desenho (n = 08), desenho e colagem (n = 03), construção de máscara (n = 02) e mosaico (n = 01). O número de intervenções de Arteterapia foi bastante variado; a menor delas foi de uma e a maior, de 40 intervenções.

Os ambientes de tratamento em que foram desenvolvidas as coletas de dados mais recorrentes foram os CAPS-ad (n = 20), seguidos de Programa de Saúde da Família (n = 2), penitenciária (n = 1) e albergue (n = 1). Em relação ao tipo de substância utilizada pelos participantes, predominaram estudos de pessoas com uso de múltiplas drogas (n = 20), entretanto surgiram similarmente estudos exclusivos com alcoolistas (n = 03) e tabagistas (n = 01).

Discussão

Percebeu-se que os artigos analisaram diferentes modos pelos quais a Arteterapia pode minimizar o sofrimento psíquico associado ao uso de drogas. Na sequência, são abordadas as três categorias temáticas encontradas nos artigos pesquisados, a saber: a) modalidades expressivas como instrumento de diagnóstico; b) avaliação de programas em Arteterapia; e c) estudos comparativos e/ou evolutivos.

Modalidades expressivas como instrumento de diagnóstico (n = 11):

Nos artigos A1, A10 e A14, foram explorados os “desenhos da ponte” como instrumentos de diagnóstico. O A3 abordou o “desenho do CAPS-ad”, os A8 e A9 o “desenho metáfora da chuva”, o A5 o “desenho do Genograma”, o A16 e A24 trabalharam com o “desenho da figura humana”, ao passo que os A19 e A20 optaram por recorrer ao “colagem/desenho da árvore”.

O artigo A1 identificou cinco categorias temáticas das histórias dos “desenhos da ponte”: a) projeção da sua própria expressão emocional ou relacionada ao tratamento da dependência de drogas; b) manifestação de recaídas ao longo do tratamento; c) conscientização do significado simbólica de travessia ou passagem; d) mediação para a solução dos problemas ou de aspectos saudáveis em relação ao futuro; e) não relacionada com o sofrimento psíquico decorrente da dependência de drogas, com o tratamento ou com a vida pessoal. Conseqüentemente, os autores concluíram que a percepção dos desenhos e os discursos sobre ele seguiram-se semelhantes ao estado emocional em que se encontravam no momento da coleta de dados, além de que o processo de tratamento e os cuidados ofertados pela instituição de saúde mental levaram a uma melhoria no estado mental dos seus usuários (VALLADARES-TORRES; SILVA, 2022).

Já em A10, entre os 108 participantes foram encontradas 98 respostas que expunham sonhos e/ou desejos a partir do “desenho da ponte”. Por meio da análise dos dados sobre esses desenhos, foi possível identificar sete categorias das verbalizações sobre o desenho: a) sonhavam em manter-se no tratamento da dependência de drogas; b) desejavam uma mudança no estilo de vida; c) almejavam a reestruturar da dinâmica familiar; d) cobiçavam um emprego; e) ansiavam por retornar aos estudos; f) idealizaram ficar em abstinência da droga; g) pretendiam evitar as recaídas. Assim sendo, por intermédio do desenho, foi possível observar a relação entre as projeções futuras e o desejo de alta no tratamento, superação da dependência e reintegração na sociedade (FERNANDES; VALLADARES-TORRES, 2019).

Já em A14, os “desenhos da ponte” instigaram o participante a refletir sobre seus objetivos de vida e a “ponte” ilustrou momentos de provação, de mudança de opção de vida com uma travessia difícil, vivenciada durante o processo de tratamento da dependência das drogas, o que refletiu aspectos psíquicos e comportamentais de vida em cada momento distinto. Dessa forma, foi possível observar a exteriorização dos sentimentos e o impacto nos dois momentos de vida distintos (VALLADARES-TORRES *et al.*, 2019).

No artigo A3, ao compreender o “desenho do CAPS-ad” na perspectiva de dez mulheres toxicômanas, constatou-se que elas conseguiram exprimir suas emoções, seus sentimentos e suas necessidades em relação ao CAPS-ad. O desenho possibilitou que as

mulheres comunicassem suas emoções e subjetividades sem o peso da linguagem verbal, bem como possibilitou a compreensão dos significados e papéis da instituição CAPS-ad e da própria projeção (SOARES; VALLADARES-TORRES, 2020).

As respostas dos dados do “desenho metáfora da chuva”, no A8, sob a ótica de 28 mulheres usuárias de um CAPS-ad foram agrupadas em três grandes categorias: a) as causas da dependência de drogas; b) os impactos ou as consequências decorrentes do uso abusivo das drogas psicoativas; c) o enfrentamento em relação à dependência de drogas. Os autores concluíram que esses desenhos permitiram elucidar uma trajetória de vida subjetiva permeada por muitas fragilidades e vulnerabilidades pelo seu próprio protagonismo. Portanto, esse desenho propiciou um espaço para o diálogo e a reflexão pelos profissionais de saúde, no sentido de proporcionar momentos de elaboração de experiências negativas, pode ter sido uma oportunidade de reconstrução de novos projetos de vida (TORRES; LIMA, 2020).

O estudo A9, que igualmente aplicou e avaliou o “desenho metáfora da chuva” como instrumento de comunicação terapêutica sobre o processo de adoecimento de toxicômanos, destacou que as causas ou os motivos de início do uso de substâncias psicoativas foram representadas pelo lago no desenho e divididas em quatro dimensões: individual, familiar, social e escolar; no desenho, as drogas representadas pelas nuvens foram descritas segundo a frequência em que foram citadas: álcool, maconha, *crack*, cocaína, tabaco e outras drogas. E as consequências do uso e abuso de SPA foram representadas pelos pingos de chuva e classificadas pelas dimensões de saúde mental, familiar, trabalho, aspecto pessoal, afastamentos e conflitos sociais e *déficit* na aparência física. Por conseguinte, o desenho auxiliou os usuários a melhor visualizar o processo de causa-consequência do uso das substâncias psicoativas, aspecto que favorece a implementação de um plano terapêutico individualizado (ANGELIM; VALLADARES-TORRES, 2019).

No A5, após a análise dos “desenhos do genograma” em Arteterapia, juntamente com as respostas sobre eles, foi possível identificar três categorias: a) relações familiares funcionais e com vínculos afetivos próximos; b) vínculos afetivos disfuncionais e conflituosos; c) sentimentos de ambivalência frente às relações familiares. Isto posto, concluiu-se que o genograma em Arteterapia pode ser uma ferramenta de avaliação em saúde mental (VALLADARES-TORRES; CARVALHO, 2020).

Relatos de caso desenvolvidos no A16, ao utilizar o “desenho da figura humana”, de cenas de violência e de não violência sofridas por mulheres toxicômanas constatou que esse tipo de desenho, além de ter-lhes facilitado a verbalização de seus momentos com violência, também trouxe a projeção interna do sofrimento vivido no papel. Esse aspecto evidenciou que o desenho pode ser uma ferramenta lúdica que facilita o despotencializar da emoção no

papel e facilita o acesso ao tema, a fim de que as mulheres possam compartilhar e dialogar saudavelmente com suas experiências traumáticas em prol da elaboração e da transformação da situação de violência. Ao trazer essas emoções para o papel, em processos arteterapêuticos, as participantes compartilharam seu sofrimento, refletiram e discutiram estratégias de enfrentamento da problemática (VALLADARES-TORRES *et al.*, 2018).

O estudo A24 igualmente usou o “desenho da figura humana” em mulheres usuárias de um CAPS-ad com sintomas positivos para ansiedade e para depressão. Esse trabalho mostrou que o desenho refletiu aspectos do adoecimento crônico e grave da dependência de drogas e refletiu simbolicamente aspectos de desordem física, emocional e social e desvitalização. Sendo assim, esse tipo de instrumento pode ser uma técnica inovadora e criativa no âmbito do adoecimento decorrente do uso de drogas por mulheres (VALLADARES-TORRES, 2018).

Ademais, em A19, as respostas emitidas a partir do “desenho/colagem da árvore”, representado por sementes em Arteterapia, permitiram identificar quatro categorias temáticas: a) reconstrução de laços afetivos e familiares; b) restabelecimento econômico-financeiro e profissional; c) libertação das drogas e recuperação a saúde; d) cultivo de aspectos espirituais e ajuda ao próximo. Assim, concluiu-se que esses desenhos, além de representarem um estímulo ao crescimento emocional, ao nascimento da esperança e de um novo projeto de vida com toxicômanos por meio de uma atividade lúdica, criativa e simbólica, também fez refletir sobre o processo de reabilitação dos toxicômanos e a externalização de conteúdos subjetivos e inconscientes deles (VALLADARES-TORRES; CALLAI, 2018).

Em contrapartida, o estudo no A20 verificou que as árvores projetadas pelo “desenho/colagem da árvore” a partir da semente por usuários de um CAPS-ad, em maioria, eram coloridas, simétricas, vivas, sadias, frutíferas, centralizadas no trabalho e apresentavam seus elementos essenciais (tronco, copa e galhos). Isso reforçou que é possível compreender o momento de vida e o mundo inconsciente singular que os autores estavam vivenciando mediante esse trabalho. Os autores constataram que essa técnica de arte oferece espaços de escuta, facilita a partilha e auxilia no enfrentamento do problema (VALLADARES-TORRES; LAGO, 2018a).

Avaliação de programas em Arteterapia (n = 10):

Os artigos A4 e A13 trabalharam com histórias no contexto da Arteterapia; A6 com o desenvolvimento humano; A7 com as técnicas de relaxamento, visualização criativa e arte simultaneamente durante a sessão de Arteterapia; A17 com criação de máscara e os quatro elementos; A21 e A22 com arteterapias criativas; o artigo A11 trabalhou com a Terapia

Cognitiva Comportamental associada à Arteterapia; A12 com a Intervenção Breve em conjunto com a Arteterapia e, finalmente, o A15 explorou os desafios em lidar com uma pessoa que esteja embriagada durante a intervenção.

No artigo A4 foram realizadas quatro intervenções de Arteterapia com uso de histórias e aplicou-se o “termômetro das emoções” em pré e pós-testes com mulheres toxicômanas. Foram digitadas em um banco de dados elaborado no *software* Microsoft Excel® (2010) e empregou-se o *software* Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)®, versão 20.0. Os resultados mostraram que se assegurou o relaxamento, favorecendo a integração e melhorando o estado de ânimo ao longo das intervenções de Arteterapia (VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2020).

Outros aspectos com o uso de histórias em mulheres usuárias de um CAPS-ad foram verificados no artigo A13. O estudo resultou em escore médio alto ($\geq 8,8$) para as variáveis eficácia ($9,22 \pm 1,23$), satisfação ($9,13 \pm 1,64$), criatividade ($9,09 \pm 1,97$), relaxamento ($8,86 \pm 3,05$), estado de ânimo ($8,86 \pm 3,05$) e autoconfiança ($8,86 \pm 3,05$). Esse aspecto reforçou a relevância do uso de histórias como processo terapêutico na reabilitação psicossocial de mulheres em contexto da saúde mental (VALLADARES-TORRES; MOREIRA, 2019).

Outro estudo desenvolvido com mulheres dependentes de drogas foi encontrado em A6, sobre a eficácia de um programa de Arteterapia grupal após nove encontros semanais, emergiram três categorias: a) o grupo de Arteterapia encoraja a partilha de emoções; b) estimula a relação de confiança; e c) favorece o bem-estar geral. Diante desses resultados, observou-se que a Arteterapia pode ser uma ferramenta preciosa nos cuidados em saúde mental voltadas para esse público (VALLADARES-TORRES; RODRIGUES, 2020).

Os resultados de A7 indicaram que as intervenções de Arteterapia, com a utilização de técnicas de relaxamento, visualização criativa e atividade de arte, diminuíram a tensão e a ansiedade, proporcionaram relaxamento ou distração, seguido da melhora de humor, da diminuição da tristeza e do aumento da alegria, além de facilitarem a integração e o acolhimento grupal (VALLADARES-TORRES; SOUZA, 2020).

As intervenções desenvolvidas em A17, utilizando máscaras com os quatro elementos da tipologia junguiana, estimularam a autopercepção e o autoconhecimento, possibilitando a transmissão de sensações, de desejos, de experimentar ou reconhecer suas próprias personas e a busca pelo verdadeiro *Self*, bem como com o processo de transformação pessoal. Da mesma forma, foi trabalhada a relação eu-outro no resgate da sua *persona* — aspectos que ajudaram no cuidado em saúde mental (VALLADARES-TORRES; COSTA, 2018).

Após toxicômanos participarem das intervenções de “arteterapias criativas”, com uso da dança ou expressão corporal, da música e das artes plásticas em A21, expuseram que

94,3% dos usuários alegaram maior relaxamento e vitalidade, 91,4% relataram melhoria do estado de ânimo, 88,6% aumentaram a autopercepção e autoestima, 85,7% obtiveram maior confiança em si mesmos, 82,9% deixaram fluir o processo criativo e adquiriram maior autonomia ou sensação de poder. Concluiu-se que o programa de Arteterapia contribuiu com o crescimento e com o desenvolvimento humano no enfrentamento dos participantes (VALLADARES-TORRES *et al.*, 2018b).

No início e no final de cada intervenção de “arteterapias criativas” em A22, pediu-se aos usuários que preenchessem o “termômetro das emoções”. Notou-se que a alegria teve maior pontuação e a tristeza maior redução, já o medo com a menor alteração. Os autores concluíram que a variação no nível emocional dos participantes após a intervenção de forma positiva condiz com a eficácia com que as práticas de Arteterapia se têm consolidado na assistência à saúde (VALLADARES-TORRES; TORRES, 2018).

No estudo A11, os resultados mostram que os membros do grupo de tabaco que participaram ativamente do processo e obtiveram melhor sucesso no tratamento, aderiram ao programa complementar de Arteterapia. A análise dos trabalhos apontou progresso na memória, na esperança, na aceitação da dor, no autoconhecimento e no reequilíbrio com as atividades de Arteterapia (GARCÍA BARTOLOMÉ, 2019).

Em A12, foi realizado um teste para identificação do nível de consumo de álcool ao início/término das ações e calculada a medida de efeito de Cohen e teste t pareado, para identificar o impacto das ações na redução do consumo de álcool. O resultado do teste t pareado sugeriu diferença estatisticamente significativa entre os escores iniciais e finais, assim como a medida de efeito de 0,76. E concluiu-se que a Intervenção Breve associada à Arteterapia resultou em grande impacto para a redução do consumo de álcool (SOARES *et al.* 2019).

Um dos desafios do A15 foi lidar com uma pessoa que frequentava as sessões em variados graus de embriaguez. Entretanto, os autores argumentaram que o envolvimento em um processo terapêutico teve um significado que pode ser compreendido por intervenção de um testemunho clínico de encenações dentro da matriz transferência-contratransferência (MILLER; BROWN, 2018).

Estudos comparativos e/ou evolutivos (n = 8):

Nos artigos A1 e A2, foram explorados estudos comparativos entre os grupos; A14, A15 e A23 pesquisaram a evolução de um caso único e A16, A18 e A20, casos múltiplos.

O artigo A1 revelou que os participantes do grupo avançado de tratamento (GA), diferentemente dos outros grupos (de início-GIN e o intermediário-GIT), elaboraram pontes construídas de materiais mais resistentes e maiores e com sentimentos mais positivos, como alegria, segurança, riqueza de elementos, beleza e flexibilidade (VALLADARES-TORRES;

SILVA, 2022).

Os resultados de A2 mostraram a existência de tendências plásticas, reações, recursos e ferramentas que se repetem em diferentes usuários com características semelhantes e que podem ajudar a desenvolver estratégias para grupos de trabalho homogêneos em um programa de Arteterapia (FORURIA JIMÉNEZ; CRUZ-QUINTANA; RODRIGUEZ SABIOTE, 2020).

A maioria dos usuários de heroína, ainda em relação ao A2, optou por escolher um material fluido em suas produções e esses pacientes foram os que mais trabalharam com formas complexas de expressão, com maior necessidade de se expressar em grandes formatos, por meio de obras de alto teor emocional – o que evocou as emoções e a experiência afetiva, em vez de processar informações de forma cognitiva. De igual modo, os trabalhos mostraram haver uma estreita relação entre o perfil de usuários de heroína com a criatividade/loucura. Por outro lado, os participantes de crimes por lesões mais graves experimentaram os materiais ou brincaram com as sensações perceptivas, sem que realmente criassem configurações simbólicas complexas ou que exigissem altos níveis de cognição (FORURIA JIMÉNEZ; CRUZ-QUINTANA; RODRIGUEZ SABIOTE, 2020).

Além disso, em A2, tanto o grupo de pessoas que cometeram crimes por lesões, quanto o grupo de agressores tenderam mais a trabalhar com gestos estereotipados e em atividades catárticas para descarregar emoções negativas – o que induz maior dificuldade de comunicação, de expressão e de controle da agressividade. Especificamente, o grupo de pessoas que cometeram violência de gênero foram os que mais utilizaram números e letras em suas obras e, conjuntamente, mais utilizaram o formato médio e pequeno – o que pode sugerir que eles controlam bastante suas emoções e seus problemas de comunicação e baixa autoestima por intermédio do controle no formato da imagem. Já o grupo de alcoolistas não desfrutou do pictograma (imagem que complementam a palavra no diálogo) como resposta antes do uso do material e também não recorreram a imagens reais ou simbólicas como recurso em suas produções – o que pode insinuar deterioração das habilidades de controle psicomotor ou executivo (FORURIA JIMÉNEZ; CRUZ-QUINTANA; RODRIGUEZ SABIOTE, 2020).

Com o artigo A14, foi possível observar que, entre os dois momentos de vida de um usuário de drogas, houve diferenças progressivas e simultâneas nos “desenhos da ponte”, na verbalização e no comportamento do caso estudado. A ponte apareceu como tema central nos dois desenhos, entretanto, sob o ponto de vista evolutivo, foi igualmente notório visualizar por meio dos desenhos a evolução psíquica que o participante apresentou em um espaço curto de tempo, apenas três meses (VALLADARES-TORRES *et al.*, 2019).

O artigo A15 apresentou um estudo de caso em programa de Arteterapia aplicado a um homem alcoolista que estava em situação de rua e que comparecia às sessões em

variados graus de embriaguez. Embora o estado de espírito fosse caótico, o participante foi capaz de se comunicar simbolicamente por interferência das suas imagens de maneira bastante coerente ao longo das sessões (MILLER; BROWN, 2018).

Em A23, foi possível constatar que as intervenções melhoraram o estado de ânimo da participante, permitiram libertação catártica de temas emocionais, aumento da autopercepção e da autoestima, e favoreceram o relaxamento, a vitalidade e a confiança em si mesma. Também houve alterações positivas na paz interior, na alegria e na compreensão dos relatos e análise dos trabalhos (VALLADARES-TORRES, 2018a).

O estudo A16 baseado em desenhos representando a figura humana mostrou divergências simbólicas expressivas marcantes nas duas imagens, da cena com e sem violência. Os indícios de conflitos, dificuldades, passividade, agressividade e desajustamento, encontrados nos desenhos da autoimagem da violência, foram evidenciados por vários aspectos nas imagens das cenas de violência e, além do mais, as mulheres expuseram o seu sofrimento externo vivido durante a violência sofrida (VALLADARES-TORRES *et al.*, 2018).

As imagens das máscaras do caso “Um” em A18 estavam mais bem acabadas e estruturadas, assim como a sua vida, do que as do caso “Dois”. As sessões de Arteterapia favoreceram o caso “Um” na mudança de comportamento relacionado à comunicação com o outro, a expor mais seus sentimentos, a se distrair dos problemas e a refletir sobre sua vida. Já as sessões de Arteterapia ajudaram o caso “Dois” a recordar lembranças e sentimentos passados, a passar o tempo de forma divertida e proporcionar mudanças comportamentais significativas. Os autores concluíram que a utilização dessa técnica pode favorecer a expressão de alcoolistas, contribuir para a autorreflexão do processo terapêutico e para a mudança comportamental (VALLADARES-TORRES; LAGO, 2018b).

Nos estudos de caso apresentados em A20, constatou-se que em Arteterapia é possível compreender o momento atual de vida dos participantes e, ao mesmo tempo, acompanhá-los na sua jornada psíquica, com a criação de vínculo ea possibilidade de escuta ativa (VALLADARES-TORRES; LAGO, 2018a).

Os principais benefícios e as relações das intervenções de Arteterapia voltadas para o público em sofrimento psíquico associado ao uso de drogas encontradas nos estudos desta revisão, serão enumerados a seguir.

A Arteterapia acompanhou a dinâmica da estrutura psíquica do sujeito (A1, A2, A14, A16, A19, A20, A24), permitiu elucidar uma trajetória de vida subjetiva (A8, A10, A11, A16, A17, A20, A24) e refletiu o estado emocional dos participantes quando se encontravam durante a coleta de dados (A1, A14, A16, A19, A20, A24). A Arteterapia favoreceu a libertação catártica de temas emocionais (A23), pois encorajou a partilha de sentimentos (A1, A3, A16, A18, A23), de emoções (A1, A3, A6, A23) e de sensações (A17); do mesmo

modo, também explorou o estilo artístico pessoal (A2, A11). Assim, permitiu que os usuários expressassem suas demandas (A3), seus desejos (A10, A17), sonhos (A10, A23) e suas subjetividades sem o peso da linguagem verbal (A3, A16, A23). Além do mais, foi uma ferramenta lúdica que facilitou o acesso a temas de vulnerabilidades (A16).

A Arteterapia encorajou o diálogo e/ou a comunicação (A8, A11, A18), para que os usuários compartilhassem suas experiências (A11, A16) e exercessem a autorreflexão (A8, A11, A14, A16, A17, A18, A19). As modalidades em Arteterapia estimularam a criatividade (A3, A13, A21) e o relaxamento (A4, A7, A11, A13, A17, A21, A23) ou a distração (A7, A17, A18, A23), bem como favoreceram a integração grupal (A4, A7, A17), melhoraram o estado de ânimo/alegria/otimismo (A4, A7, A11, A13, A17, A21, A22, A23), favoreceram a vitalidade (A23), a paz interior (A21, A23) e o carinho (A21).

A Arteterapia aumentou a autoconfiança (A13, A23), a autoestima (A21, A23), o autoconhecimento (A1, A9, A11, A17, A21, A23) e o conhecimento do grupo de pares (A1, A11), da autopercepção (A17, A21, A23) e estimulou mudanças comportamentais positivas (A4). Com a Arteterapia pode-se estimular a memória (A11, A18, A23), a esperança (A11, A19), o reequilíbrio (A11) e o adquirir maior autonomia ou sensação de poder (A21).

Com a Arteterapia foi possível reduzir a tristeza (A7, A22), a tensão e a ansiedade (A7) e favorecer a aceitação da dor (A11), bem como proporcionar momentos de elaboração de experiências negativas e de enfrentamento da problemática (A16, A21), além de oportunizar a reconstrução de novos projetos de vida (A8). Em vista disso, em Arteterapia pode-se promover a organização emocional (A21, A22), o crescimento e o desenvolvimento humano (A21, A22), o bem-estar geral (A6, A14, A16) e a qualidade de vida (A21). A Arteterapia foi eficaz e trouxe satisfação ao usuário (A13), incentivando a motivação ao tratamento (A11, A14), favorecendo o vínculo terapêutico positivo (A13, A14), ajudando na redução do consumo de álcool (A12) e na inclusão social (A21).

Esses aspectos podem contribuir significativamente para um cuidado mais humanizado no campo da saúde mental (A7), na (re)estruturação psíquica das pessoas (A14, A17, A19, A22), na transformação pessoal (A17), enfim, no processo de reabilitação psicossocial dos usuários (A5, A17) e no resgate e estímulo do projeto de vida de cada sujeito (A19).

Outros estudos de revisão de literatura de Arteterapia com dependentes de drogas complementam que a Arteterapia é versátil o suficiente para incluir uma variedade de procedimentos terapêuticos, bem como estratégias criativas que podem ser utilizadas também no programa de 12 passos (EL ESSAWI, 2022). Barboza (2022) expõe que a Arteterapia facilita a superação das dificuldades e compreende a dinâmica de vida do indivíduo aplicada nos diversos modelos de tratamento, em regime ambulatorial, semi-intensivo ou internação.

Os estudos de Reichardt, Pires e Oliveira (2021) indicaram que a Arteterapia pode auxiliar no tratamento para além do alívio do sofrimento psíquico e físico, pois essa técnica tem a capacidade de mobilizar as forças do dependente de drogas, induzir experiências e emoções positivas e de expressar o propósito e o significado da vida, canalizando os sentimentos, tanto bons quanto ruins, para uma prática construtiva. Já Vasconcelos *et al.* (2021) reforçam que a Arteterapia pode ser utilizada pelos usuários de forma individual ou em grupo com o intuito de produzir conhecimento sobre si mesmo, das suas emoções, de sua existência e interiorização, visto que oportuniza mudanças nas áreas emocionais, afetivas, comportamentais, sociais de maneira criativa, transformadora e produtiva.

Considerações finais

Conclui-se com este trabalho que o sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas é uma questão bastante complexa, tanto em relação aos fatores que desencadeiam a patologia, quanto em relação ao tratamento. Pode-se dizer que a forma de reabilitação psicossocial sofreu alterações e, atualmente, tem-se buscado, cada vez mais, uma abordagem mais criativa, inovadora e coerente voltada para essa clientela. Este estudo analisou as evidências científicas acerca dos benefícios da Arteterapia voltada para pessoas em sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas e daí surgiram três categorias temáticas: a) modalidades expressivas como instrumento de diagnóstico; b) avaliação de programas em Arteterapia; e c) estudos comparativos e/ou evolutivos.

Evidenciou-se que a Arteterapia e os seus efeitos terapêuticos podem ser explorados e utilizados como uma das PICS que oferecem uma assistência nos cuidados em saúde mental, em especial com esse público, e que estimula a energia criativa e a redução de danos psíquicos desencadeados pela doença. Portanto, é urgente a necessidade de incentivar essa prática no contexto das toxicomanias, a fim de beneficiar e ampliar o repertório em prol de cuidados mais humanizados na assistência em saúde mental.

Data de recebimento: 19.10.2023

Data primeiro aceite: 17.09.2024

Data segundo aceite: 19.09.2024

Referências Bibliográficas

ANGELIM, S. M. A. V.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. O desenho “metáfora da chuva” como instrumento de comunicação terapêutica da problemática drogadição. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 26, n. 1, p. 48-57, jan.- jun. 2019. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_e569948594c04061b00bb4461b3c0f25.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A9).

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BARBOZA, A. M. O. Arteterapia e educação e a dependência química. **Revista Gestão & Educação**, São Paulo, SP, v. 5, n. 8, p. 18-24, out. 2022. Disponível em: <http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/257>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL - Ministério da Saúde - Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS). **Atendimento a pessoas com transtornos mentais por uso de álcool e drogas aumenta 12,4% no SUS, 2022**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/fevereiro/atendimento-a-pessoas-com-transtornos-mentais-por-uso-de-alcool-e-drogas-aumenta-12-4-no-sus>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CAPISTRANO, F. C. *et al.* Consequências do uso abusivo de substâncias psicoativas por pessoas em tratamento. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, PR, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5991>. Acesso em: 24 fev. 2025.

DANIELI, R. V. *et al.* Perfil sociodemográfico e comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos acompanhados em comunidades terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, RJ, v. 66, n. 3, p. 139-149, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000163>. Acesso em: 24 fev. 2025.

EL ESSAWI, N. **Exploring group Art therapy techniques in complimenting the 12-step program in healing substance abuse in adults: a literature review**. 2022. 33 p. Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Terapias Expressivas, Escola de Pós-Graduação em Artes e Ciências Sociais, Lesley University, Cambridge, Massachusetts, EUA. Disponível em: https://digitalcommons.lesley.edu/expressive_theses/530. Acesso em: 24 fev. 2025.

FERNANDES, M. C.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. O desenho como terapia e elucidação de sonhos com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas do Distrito Federal. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 26, n. 2, p. 17-24, jul.-dez. 2019. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_23bd13ecd7ac43e087838bd76c74c572.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A10).

FORURIA JIMÉNEZ, P.; CRUZ-QUINTANA, F.; RODRIGUEZ SABIOTE, C. *Tendencias plásticas de usuarios drogodependientes en un programa de arteterapia en el contexto penitenciario*. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, Madrid, Espanha, v. 15, p. 11-24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/arte.66584>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A2).

GARCÍA BARTOLOMÉ, P. *Grupos de tabaco, nuevos caminos para la arteterapia. Experiencia cognitivo-conductual con arteterapia en un Centro Municipal de Salud Comunitaria*. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, Madrid, Espanha, v. 14, p. 21-35, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5209/arte.62574>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A11).

MILLER, C.; BROWN, C. *In the margins: Art therapy with a homeless man under the influence of alcohol*. **ATOL: Art Therapy OnLine**. London, Inglaterra, v. 9, n. 1, p. 1-37, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25602/GOLD.atol.v9i1.489>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A15).

PAGE, M. J. *et al. The PRISMA 2020 statement: updated guidance for reporting systematic reviews*. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [Internet], Brasília, DF, v. 31, n. 2, p. e2022107, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742022000200033>. Acesso em: 24 fev. 2025.

REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. Percepção de um grupo de mulheres toxicômanas em Arteterapia sobre o Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 29-40, jan.-jun. 2020. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_fe5a1911ea92405887af281c22604fed.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A3).

SOARES, C. B. *et al. Integrative review: concepts and methods used in nursing*. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, SP, v. 48, n. 2, p. 335-345, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES, M. H. *et al. Impact of brief intervention and art therapy for alcohol users*. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 72, n. 6, p. 1485-1489, nov.-dec. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/6bDZKhbLMFbCsYkMJB7Pbjr/?lang=en>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A12).

TORRES, A. C. A. V.; LIMA, V. H. R. Desenhos que revelam o processo de adoecimento de mulheres usuárias de um CAPS-ad III. **Archives of Health**, Curitiba, PR, v. 1, n. 5, p. 364-386, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46919/archv1n5-020>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A8).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias**: da patologização ao desenvolvimento criativo. Curitiba, PR: CRV, 2021a. 266 p. Vol. 2.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. Arteterapia como auxiliar na reabilitação de adolescentes usuários de drogas psicoativas. *In*: VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia na saúde**: da dor à criatividade. Curitiba, PR: CRV, 2021b. Vol.1. Parte 2, p. 51-68.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. Arteterapias criativas com mulher dependente de múltiplas drogas – um estudo de caso. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 1, p. 26-37, 2018a. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_21c869b10d73462bb9ffe932b3dbd3b5.pdf. Acesso em: jan. 2023. Acesso em: 24 fev. 2025. (A23).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. Mulheres dependentes de drogas - desenho projetivo da figura humana e sua relação com os sintomas de ansiedade e depressão. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 1, p. 38-48, 2018b. Disponível em:

https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_21c869b10d73462bb9ffe932b3dbd3b5.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A24).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; ANJOS, A. R. B. Percepção de pessoas com sofrimento psíquico relacionado ao uso de drogas sobre o desenho temático em Arteterapia com sua história de vida. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, RS, v. 9, n. 1, p. 3855, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2023v9n1.3855>. Acesso em: 24 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; CALLAI, V. S. A exploração de desenho/colagem projetivo da árvore: uma visão dos usuários do serviço. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 2, p. 28-37, 2018. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A19).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; CÂMARA, M. V. S. O desenho-história em Arteterapia no processo de reabilitação de dependentes de drogas psicoativas. In: BARBOSA, F. C. (org.). **Tópicos em Ciências da Saúde** – volume VIII. 8. ed. Piracanjuba, GO: Editora Conhecimento Livre, 2022. v. 8. p. 7-26.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; CARVALHO, L. T. V. Genograma em Arteterapia como mapa das relações familiares de dependentes de drogas. **Revista Espaço Ciência & Saúde**, Cruz Alta, RS, v. 8, n. 1, p. 45-62, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33053/recs.v8i1.250>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A5).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; COSTA, M. V. G. Máscaras em Arteterapia com usuários do Centro de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 2, p. 3-16, 2018. Disponível em: www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida. Acesso em: 4 fev. 2025. (A17).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; LAGO, D. M. S. K. Imaginário de dependentes de drogas sobre desenho projetivo/colagem da árvore em Arteterapia – estudos de caso. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 2, p. 38-52, 2018a. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_357acac715fd40a98788054abf549384.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A20).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; LAGO, D. M. S. K. O uso da máscara e a tipologia de Jung em Arteterapia com alcoolistas – estudos de caso. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 2, p. 17-27, 2018b. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_357acac715fd40a98788054abf549384.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A18).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Alterações das emoções nas intervenções de Arteterapia com o uso de histórias aplicadas a mulheres dependentes de drogas. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 27, n. 1, p. 18-28, jan.-jun. 2020. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/files/ugd/217038_fe5a1911ea92405887af281c22604fed.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A4).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOREIRA, D. S. S. Uso de histórias em Arteterapia: perspectiva terapêutica para mulheres dependentes de droga. **Revista de Arteterapia da AATESP**, São Paulo, SP, v. 10, n. 2, p. 19-39, 2019. Disponível em:

https://www.aatesp.com.br/resources/files/downloads/revista_v10_n2.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A13).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; MOURA, F. L. C. Arteterapia com dependentes de drogas: análise do desenho da ponte e processo de tratamento. *In*: SILVA, P. F. (org.). **Saúde biopsicossocial: cuidado, acolhimento e valorização da vida**. Guarujá, SP: Científica Digital, p. 40-59, 2022.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; RODRIGUES, L. T. A. Eficácia de programa de arteterapia com grupo de mulheres com dependência de drogas. **Revista Arteterapia Proceso Creativo Transformación**, Buenos Aires, Argentina, n. 7, p. 50-56, 2020. Disponível em: <https://arteterapiarevista.ar/eficacia-de-programa-de-arteterapia-com-grupo-de-mulheres-com-dependencia-de-drogas/>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A6).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SILVA, L. J. Percepção de dependentes de drogas a partir de um desenho da ponte em Arteterapia associado ao processo de tratamento. **Revista de Arteterapia da AATESP**, São Paulo, SP, v. 13, n. 1, p. 5-21, 2022. Disponível em: www.aatesp.com.br/resources/files/downloads/revista_v13_n1.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A1).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SOUZA, J. C. M. Utilização de técnicas de Arteterapia na reabilitação de pessoas com transtornos induzidos por substâncias. **Archives of Health**, Curitiba, PR, v. 1, n. 6, p. 415-431, 2020. Disponível em: <https://latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/ah/article/view/109/96>. Acesso em: 24 fev. 2025. (A7).

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; TORRES, K. N. Efeitos das arteterapias criativas com dependentes de drogas: uso da arte, da música e da dança/movimentos corporais. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 25, n. 1, p. 13-25, 2018. Disponível em: www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida. Acesso em: 24 fev. 2025. (A22).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *et al.* A Ponte da Vida: evolução psicossocial de homem dependente de drogas a partir de representações gráficas. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiânia, GO, v. 26, n. 2, p. 3-16, 2019. Disponível em: www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida. Acesso em: 24 fev. 2025. (A14).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *et al.* Arteterapia no processo de reabilitação de usuários de drogas psicoativas por meio do desenho-história. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, Florianópolis, SC, v. 15, n. 42, p. 153-179, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/70958>. Acesso em: 24 fev. 2025.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *et al.* O uso do desenho projetivo da autoimagem no tratamento de mulheres toxicômanas vítimas de violência – uma experiência em Arteterapia. **Revista de Arteterapia da AATESP**, São Paulo, SP, v. 9, n. 1, p. 4-30, 2018a. Disponível em: https://www.aatesp.com.br/arquivos/revistas/revista_v09_n01.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A16).

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *et al.* Programa de arteterapias criativas com usuários do Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas. **Revista Científica Arteterapia**

Cores da Vida, Goiânia, GO, v. 25, n. 1, p. 3-12, 2018b. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/_files/ugd/217038_21c869b10d73462bb9ffe932b3dbd3b5.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025. (A21).

VASCONCELOS, M. I. L. *et al.* Arteterapia no tratamento da dependência química. *In: Encontro de Pós-graduação e Pesquisa, XXI.*, Universidade de Fortaleza, 18 a 20 out. 2021. **Anais.** Fortaleza, 2021. Disponível em: www.researchgate.net/publication/356426914_ARTETERAPIA_NO_TRATAMENTO_DA_DEPENDENCIA_QUIMICA. Acesso em: 24 fev. 2025.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. *The integrative review: updated methodology.* **Journal of Advanced Nursing.**, [S.L.], v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x>. Acesso em: 24 fev. 2025.

ESTUDO DE CASO

Dos pequenos braços ao abraço – Um relato sobre a importância do vínculo no complexo mundo dos sentimentos

From little arms to hugs – A report on the importance of bonding in the complex world of feelings

Natália Mayra de Lima¹

Resumo: O artigo em questão aborda como a estabilidade do vínculo, o amor incondicional e a expressão dos sentimentos de uma forma palpável, por meio de desenhos, pinturas ou do corpo físico, auxilia as crianças a lidarem com seus sentimentos confusos, trazendo luz a eles, nomeando-os e aceitando-os; o que resulta, conseqüentemente, em uma maior fluidez para o que se sente, uma melhora significativa no convívio social e uma habilidade maior em se expressar para o outro; além de ampliar sua capacidade de auto amor. Por fim, o artigo mostra como uma criança que foi confirmada e aceita por ser quem ela é passa a aceitar sua própria singularidade.

Palavras-chave: Arteterapia; crianças; expressão; vínculo; sentimentos .

Abstract: The article in question addresses how stable bond, unconditional love, and expressing feelings in a palpable way, through drawings, paintings, or the physical body, can help children deal with their confusing feelings by bringing light to them, naming and accepting them; which consequently results in greater fluidity for what one feels, a significant improvement in social interaction, and a greater ability to express oneself to others, as well as expanding one's capacity for self-love. Finally, the article shows how a child who has been confirmed and accepted for being who he is begins to accept his own uniqueness.

Keywords: Feelings; Childre; Bond; Love; Expression; Art therapy.

Introdução

A infância é período de muitas descobertas e experimentações, na qual as crianças vão vivenciando o mundo de maneira intensa, deparando-se com inúmeros aprendizados sobre o mundo externo e o mundo interno, aprendizados os quais ainda necessitam de ferramentas para lidar. As experiências ocorrem de forma rápida e intuitiva, pois a psique da criança é impulsiva, muito ligada aos instintos e totalmente inconsciente. Segundo Edinger (2020, p. 24):

¹ Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda/ Mackenzie com aprofundamento em Social Media pela UCLA-Califórnia. Formada em Artes Cênicas pela escola de atores Wolf Maya/São Paulo. Pós-graduada em Arteterapia com ênfase em Psicologia Analítica e Artererabilitação pelo Instituto Freedom/São Paulo. Atua como atriz, professora de Teatro para crianças e arteterapeuta. Filiada à AATESP: 1013/1023 CBO: 2263-10.

Nascemos em um estado de inflação. Na mais tenra idade não existe ego ou consciência. Tudo está contido no inconsciente. O ego latente encontra-se completamente identificado ao Si-mesmo. O Si-mesmo nasce, mas o ego é construído.

Ter apoio arteterapêutico na infância pode auxiliar que esse ego seja construído com base no autoamor e na autoaceitação; é com a ajuda de um adulto que a criança consegue refletir e desenvolver a capacidade de solucionar problemas; é necessário que haja uma conexão com o emocional daquela criança para que esse desenvolvimento ocorra e a validação de seus sentimentos e percepções é essencial para assim alcançar a reflexão. Ampliar caminhos, estimulando o pensamento de acordo com a singularidade de cada ser. Os questionamentos instigam a buscar uma resposta por conta própria, sem verdades absolutas advindas de um adulto. Ensinar uma criança a pensar e questionar auxilia na constituição de uma autoestima fortalecida.

Alguns adultos trazem um direcionamento unilateral e com base na sua visão de mundo, pois, para muitos, educar é fazer que a criança obedeça e siga suas regras e formas pré-determinadas de viver.

Já por meio da Arteterapia é possível que a criança expresse sua autenticidade e reconheça a beleza da sua singularidade. Existem muitas formas de pensar, agir e criar no mundo e a validação dessa singularidade na infância pode auxiliar em uma estrutura mais firme para seus próximos passos.

A liberdade de poder se experimentar dentro de um jogo dramático é uma oportunidade para a criança perceber o que gosta, o que não gosta, o que há dentro dela. Ganha-se permissão para errar e se descobrir a partir da projeção da vida dentro da brincadeira, quando se brinca tudo é possível.

É brincando que a criança mergulha na vida, sentindo-a na dimensão de suas possibilidades. No espaço criado para brincar nessa aparente fantasia, acontece a expressão de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares. A brincadeira espontânea proporciona oportunidades de transferências significativas que resgatam situações conflituosas (CUNHA, 1993, p. 35-36).

Além disso, jogos de grupo incentivam a criança a aprender sobre relacionamentos interpessoais - é na troca com o outro que se tem a oportunidade de desenvolver habilidades e aptidões sociais, tais como: falar sobre seus incômodos, expressar afeto, dar e receber amor, entender os limites entre seus desejos e os desejos do próximo, entre outros.

Para Slade (1978, p. 18):

O jogo dramático é parte essencial na vida do jovem. Não é apenas uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são oferecidos por uma mente adulta.

Isso é um processo de “nutrição” e não é o mesmo que interferência. É preciso construir a confiança por meio da amizade e criar a atmosfera própria por meio de consideração e empatia.

Por fim, jogos teatrais e outras expressões artísticas permitem às crianças a concretude dos seus próprios sentimentos, saindo do âmbito imaginário para o aqui e o agora, utilizando o corpo, o papel ou a escultura e facilitando, assim, o diálogo com o que se sente, abrindo possibilidades para integração e fluidez.

O trabalho arteterapêutico desde a infância auxilia no protagonismo das crianças perante sua história, desenvolvendo a seu tempo infinitas possibilidades ancoradas pela confirmação do arteterapeuta e estruturação da sua *psique*.

Referencial Teórico

Muito se fala sobre amor nos tempos atuais, mas foi com Beatriz Helena Paranhos Cardella, no livro **O amor na relação terapêutica**, que o tema ganhou foco e conduziu as pesquisas deste artigo. Para Cardella (1994, p. 11): “Precisamos permitir que algo ou alguém nos toque com suavidade, para que as cores do amor adquiram novamente o significado em nossas vidas”. A autora discorre sobre o amor na relação cliente e terapeuta, por meio da Gestalt-terapia, abordando o amor como alicerce e instrumento primeiro do trabalho terapêutico.

A importância do estado amoroso no desenvolvimento da criança é fundamental e seus conceitos conduziram as trinta e três sessões, buscando trazer autoconfiança e senso de merecimento, auxiliando a troca amorosa, e oferecendo a essas crianças a possibilidade de receber amor, cuidado e contorno simplesmente por ser quem se é, sem a necessidade de atingir qualquer expectativa. Quando habitamos o estado amoroso não há julgamento ou amor condicionado, neste estado pode haver a troca sincera e fluida.

Vários tipos de amor são citados no livro da autora, entre eles: amor fraterno, amor materno, amor erótico, amor romântico, amor a Deus e, finalmente, amor terapêutico. Ao escrever sobre as manifestações de amor, Cardella (1994, p. 23) traz a importância do amor a si mesmo, construído a partir da confirmação: “Nós confirmamos a nós mesmos se recebemos a confirmação dos outros, e se os outros podem nos confirmar é porque aceitamos sua confirmação”. Dentro do emaranhado de sentimentos que as crianças traziam consigo, a confirmação de que era permitido sentir o que estivesse presente em seu ser, incluindo raiva, tristeza e ciúme, teve papel fundamental no bom resultado obtido ao final da prática, pois o sentimento de inadequação, aos poucos, passou a dar lugar ao sentimento de auto valia, pois dentro da condição de humanos, todos os sentimentos são válidos.

Para Cardella, (1994, p. 22), “o amor manifesta-se, então, como uma atitude diante da vida, do mundo, da humanidade, do desconhecido e do mais próximo”. Quanto mais

amor e confirmação recebiam, mais encorajados se sentiam a amar e manifestar gestos de carinho em relação ao grupo.

Irene Gaeta Arcuri, em seu livro **Arteterapia e o corpo secreto**, traz luz às técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal. O corpo reage e guarda informações, muitas vezes inconscientes, de tudo que vivemos: feridas antigas, não cicatrizadas, que impedem um desenvolvimento pleno.

Segundo Arcuri (2006, p. 15), “as experiências vividas deixam sinais em nosso corpo que ficam em estado de latência, de forma que algo acontecido há muito tempo possa ser revivido como se houvesse acabado de acontecer”.

A concretude presente no livro da autora também se faz presente na dinâmica dos cinco sentidos, que foi significativa para a elaboração deste artigo. Ao trabalhar o corpo trabalhamos, também, o aqui e o agora e os sentimentos de uma forma mais palpável.

Para Arcuri (2006, p. 16):

Os medos podem estar ligados às funções corporais e eles reaparecem por meio do corpo. A escultura permite reexperimentar o medo, dar-lhe forma e assim, estabelecer um diálogo com ele. Revivendo o passado por meio da escultura é possível percebê-lo de forma mais objetiva em proporções reais. Você pode transformar o medo, que é um estado passivo em um estado ativo.

Esses conceitos foram fundamentais para que as crianças observassem seus sentimentos sob uma nova perspectiva: trazê-los para o concreto por meio de desenhos, práticas teatrais, experiências sensoriais e massinha, colaboraram para que fosse possível dialogar com o que elas sentiam. A partir desse diálogo da aceitação e da confirmação, os sentimentos fluíram com muito mais facilidade e a inteireza passou a ser mais presente em cada um dos participantes do grupo.

A autora ainda traz a importância e o poder da presença. A presença em habitar seu próprio corpo, em dialogar com o que se sente e em trocar com o outro. Para Arcuri, (2006, p. 27), “pelo atendimento à criança é possível devolver a ela a capacidade daquilo que a prende a uma representação ilusória de si mesmo: o imaginário”.

Com base nessa citação fica claro o porquê os cinco sentidos foram de suma importância para a evolução das crianças. Ao dar mais foco para o corpo físico - olfato, paladar, tato, audição e visão - foi possível trazer as crianças mais facilmente ao aqui e agora e trabalhar com o palpável, olhando para seus sentimentos de uma forma nunca antes olhada. Muitos *insights* ocorreram durante as dinâmicas sensoriais, o que, conseqüentemente, auxiliou o processo de aceitação, acolhimento e autoamor.

Desenvolvimento

A prática foi iniciada dia 17 de fevereiro de 2022, no Lar do Alvorecer Cristão, na cidade de São Paulo. O centro de acolhimento escolhido abriga crianças e adolescentes em horário de contraturno da escola pública Tenente, localizada nos arredores do CCA.

Os atendimentos foram realizados em parceria com a também pós-graduanda em Arteterapia, A. S. Formou-se um grupo de seis crianças de seis anos e quatro adolescentes de onze a doze anos. Os atendimentos do grupo infantil eram realizados por mim, enquanto ela observava e me auxiliava quando necessário; já os atendimentos do grupo dos adolescentes eram realizados por A. S. e eu fazia o papel de observadora e, também, de auxiliar – o que proporcionou um amplo aprendizado, uma vez que foi possível visitar tanto o mundo das crianças quanto o dos adolescentes.

O artigo em questão foi elaborado com base nos trinta e três encontros com o grupo de crianças, cada encontro com uma hora e meia de duração. O ponto inicial para a criação de um espaço de intimidade e conexão foi a caixinha de segredos, atividade na qual as crianças embarcaram com muito entusiasmo e abertura, enchendo-as com muitas artes elaboradas em todo o período da prática.

Os métodos Oficinas Criativa® (ALLESSANDRINI, 1996) e O jogo dramático infantil (SLADE, 1978) foram o foco de nossos encontros. A oficina criativa é uma metodologia que foi elaborada em um processo de intervenção psicopedagógica com a Arteterapia e consiste em cinco etapas: sensibilização, que pode estabelecer uma conexão diferenciada com o mundo e com o si-mesmo por meio de recursos como música, respiração, contos; expressão livre, onde sentimentos, emoções e percepções são livremente expressos no material selecionado; elaboração de expressão, momento de distanciamento reflexivo, onde é possível elaborar melhor dando mais contorno e forma no que foi expresso anteriormente; transposição de linguagem, momento mais diretivo e estruturado onde é possível perceber que as formas estão cheias de símbolos e significados, nesse momento, também sugere-se escrever sobre o processo ou fazer a transposição para outro material; por fim, a avaliação, que é quando a distância reflexiva se completa para que possamos, segundo Alessandrini (2004, p. 85) realizar a “recomposição das etapas processuais, o que permite que a aprendizagem produzida seja tornada consciente.” Já o jogo dramático de Slade é uma brincadeira teatral infantil onde a caracterização e a situação emocional é tão nítida que foi dado o nome de jogo dramático. Segundo Slade (1978, p. 17), “O jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos.”

Muitos materiais foram usados durante esses nove meses: tintas guache, lápis de cor, giz de cera, tintas apropriadas para pintar camisetas, massinha, papel higiênico, revistas, papel EVA de *glitter*, muitos adesivos, lantejoulas, penas, cristais, fitas, forminhas de doces, folhas, pedras e elementos da natureza no geral.

O fio condutor do trabalho foi o filme **Divertida Mente**, disponível em Disney+, no qual Railey, a protagonista, se vê em um misto de emoções ao ter que mudar de cidade por conta do trabalho de seu pai. Em um novo ambiente, ela sente falta de suas amigadas, sua antiga escola e a dinâmica familiar que tinha no passado; com isso, a “sala de controle” de sua mente, onde ficam alojados os sentimentos personificados - Alegria, Medo, Raiva, Tristeza e Nojo -, entra em pane, ganhando grandes proporções, e a cada momento um deles assume o controle de forma exacerbada.

O filme também retrata o quão perigoso pode ser excluir um sentimento, negando-o e evitando o diálogo com ele. Alegria, um dos sentimentos presentes na sala de controle, não queria a Tristeza por perto, porém quando a Tristeza acaba por acidente, deixando a sala de controle e se perdendo, as memórias de Railey vão se apagando e os sentimentos percebem que a Alegria não pode existir sem a Tristeza.

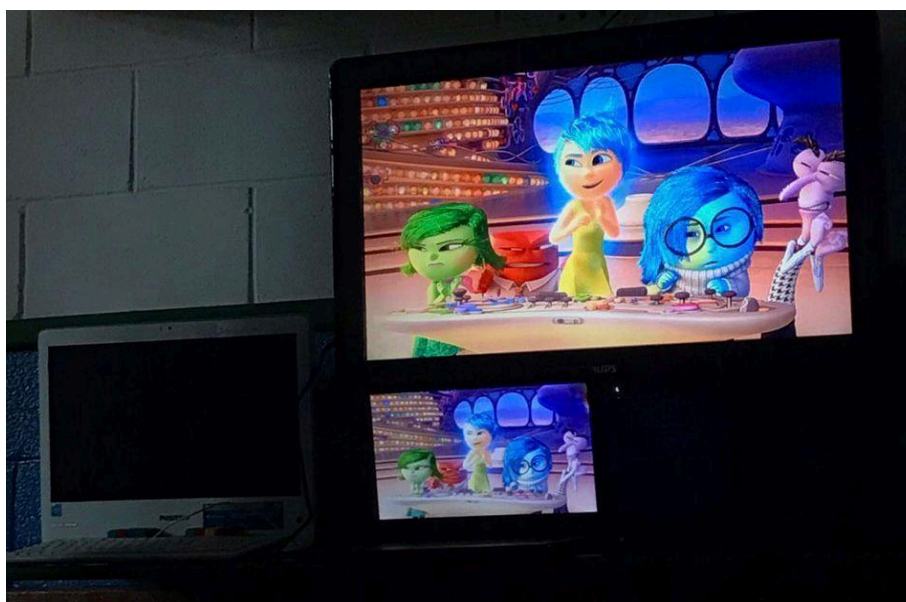


Figura 1. Exibição do filme **Divertida Mente** (Disney+): Nojo, Raiva, Alegria, Tristeza e Medo. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após ser exibido em sessão notou-se a necessidade de explorar o emaranhado de sentimentos dessas crianças.

Segundo Cardella, (1994, p. 24), “o amor e a confirmação incondicionais recebidos na infância são essenciais para o desenvolvimento da capacidade do indivíduo de amar a si mesmo e de se autossustentar”. Dessa forma, com o objetivo de explorar os sentimentos emaranhados, foram tecidos cuidadosamente os afetos, fazendo com que a prática fosse ancorada por um vínculo fortalecido. É na estabilidade da relação que é possível mostrar-se como realmente é, trazer ao mundo sua singularidade e beleza. A presença do estado amoroso possibilita que as crianças se sintam seguras para mergulharem em suas emoções

e debruçarem em suas inteirezas, o amor e a validação não estão condicionados em um padrão a ser seguido. Para Cardella, (1994, p. 24)

O amor condicional é buscado e aceito pela criança, pois a ausência de amor acarreta uma “ferida” muito maior. Quando uma criança não se sente digna de amor pelo que ela é, desenvolve uma autoimagem negativa, e conseqüentemente, baixa autoestima. Como pode amar a si mesma se não é digna de amor?

O Complexo Mundo dos Sentimentos

“A Arteterapia me ensinou a acreditar em meus sonhos”. L., seis anos, surpreende com essa frase em sua última sessão. A esperança aparecia fortalecida em sua fala depois de um processo profundo de elaboração e acolhimento dos seus sentimentos, os quais transbordavam intensidade desde o primeiro dia de prática.

Os sentimentos surgem como primeiro plano neste artigo juntamente com o vínculo, pois foi possível notar um grande desafio das crianças perante o amplo e potente mundo dos sentimentos.

A dualidade estava muito presente em quase todos os seus trabalhos e na maneira de se comunicar, fazendo com que as emoções não se misturassem, como se não fosse permitido ou possível sentir mais de um sentimento simultaneamente. No início da prática era comum no início da prática, ao serem questionados como se sentiam, trazerem sempre a mesma resposta “estou feliz”. Entretanto, muitas vezes, eram retratados outros tipos de sentimentos em suas expressões artísticas, ora pela incapacidade de reconhecer e até mesmo nomear alguns sentimentos, ora pelo medo em admitir o que se sentia quando os sentimentos eram vistos como “ruins” e negativos. Era nítido que temiam a repreensão ou o desamor, a inteireza não parecia uma opção. Possivelmente passaram por situações em que “não cumprir a expectativa” trouxe a sensação de desamor e inadequação.

Segundo Cardella (1994, p. 24),

A crença de não ser digna de amor encontra-se no cerne do indivíduo que manifesta dificuldades para amar. A criança confirmada condicionalmente, aos poucos vai perdendo a espontaneidade por sentir-se ameaçada de perder o amor dos pais caso não se comporte, não sinta e não pense como eles desejam.

Como citou o professor do curso Jung e a criança, Alex Rocha, o pequeno é Dom Quixote e o terapeuta é Sancho Pança. É viável embarcar no que as crianças trazem; elas, com suas necessidades e demandas apontam o caminho a ser seguido corajosamente pelo arteterapeuta. Foi assim que as atividades passaram a ser voltadas para desmistificar os sentimentos conflitantes. Muitas dinâmicas ajudaram nesse objetivo, como o jogo da memória das emoções, que possibilitou reconhecê-las e nomeá-las, o jogo dramático infantil,

usando o corpo e a voz para expressar os sentimentos, a contação de histórias com fantoches, saco de socos, e, em especial, a vivência dos cinco sentidos.

A história de L. terá maior ênfase neste artigo, pois pôde-se perceber como um espaço seguro, juntamente com um vínculo bem estabelecido, sem ameaça de abandono e a expressão dos sentimentos por meio da Arteterapia o tirou de um lugar de medo e raiva dominantes para um estado de maior acolhimento e esperança, permitindo-o a integralidade e a fluidez.

L. chegou em sua primeira sessão muito animado, com uma energia criativa grande e muito desejo de experimentar a vida, os homens-aranhas ocupavam diversas posições no espaço. Seu trabalho tinha muito brilho, L. adorava tudo que brilhava. Logo de início, percebeu-se que trazia sentimentos muito intensos, que ocupavam praticamente todo o papel, pois os elementos de seus desenhos não tinham respiro ou espaços entre si.



Figura 2. Crachá de L. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nota-se que dentro do crachá havia poucos espaços de respiro - ele foi uma das crianças com maior dificuldade na respiração consciente e meditação guiada, não sentia confiança em fechar os olhos e a permissão de entrar em contato com o mundo interno foi se estabelecendo gradualmente ao longo do processo, aos poucos se entregou ao relaxamento e à conexão que essa prática traz.

Em uma segunda sessão foi perguntado sobre os medos que traziam em seus corações e pedido que uma bexiga fosse enchida visualizando esse medo e logo depois estourada, entre respostas como “baratas” e “monstros”, L. trouxe o medo de que sua mãe morresse - não demorou para que chegasse a essa resposta, trazida com naturalidade, estourando a bexiga com força e o mais rápido possível. Foi surpreendente que esse medo

tão profundo emergisse logo na segunda sessão, uma vez que nenhuma das crianças tinha trazido um medo relacionado à morte. Conseqüentemente, ao abandono como L., notou-se que algo o colocava em constante estado de alerta.

Foi nos dada a informação de que seu pai estava na cadeia desde que L. tinha três anos de idade, mas ele não sabia disso e acreditava que o pai estava trabalhando. Ora dizia que ele trabalhava em uma fazenda, ora sua fantasia ia mais longe e, para tentar preencher ele dizia que seu pai estava salvando o mundo e por isso não poderia estar ali com ele. Mas, mesmo longe fisicamente, seu pai estava presente em quase todas as sessões: tanto nas lembranças de L. quanto em seus sentimentos conflitantes.

Era nítido a dor profunda de L. e, também, seu medo do abandono; por muitas vezes relatou as brigas que os pais tinham antes do pai ser preso, e o quão triste ele ficava ao ver sua mãe chorando. Além da falta do pai, L. também precisava lidar com a dor de perceber a tristeza na mãe. A impossibilidade de passar as datas comemorativas com o pai também o afetava, manifestando-se na forma de raiva de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Em sua quarta sessão, logo após as crianças assistirem ao filme **Divertida Mente**, perguntei qual sentimento L. gostaria de desenhar e seu primeiro impulso foi dizer que gostaria de desenhar o medo, mas logo em seguida disse que era melhor não, que preferia desenhar a raiva. Talvez essa raiva fosse a máscara que escondesse o profundo medo de ser abandonado por não ser suficientemente amado ou alguma parte dele acreditasse que seu pai foi embora por culpa dele ou pela falta de amor por ele, dirigindo a raiva a si mesmo e, por vezes, a outros a sua volta.

Por não ter recursos que a capacitem perceber a incapacidade dos pais de amar incondicionalmente, a criança dirige sua hostilidade e frustração para si mesma, desenvolve culpa, vergonha, sentimentos de inferioridade e menos valia, inibindo gradativamente o seu potencial para amar a si mesma, os que a cercam, e também para sentir-se amada (CARDELLA, 1994, p. 24)

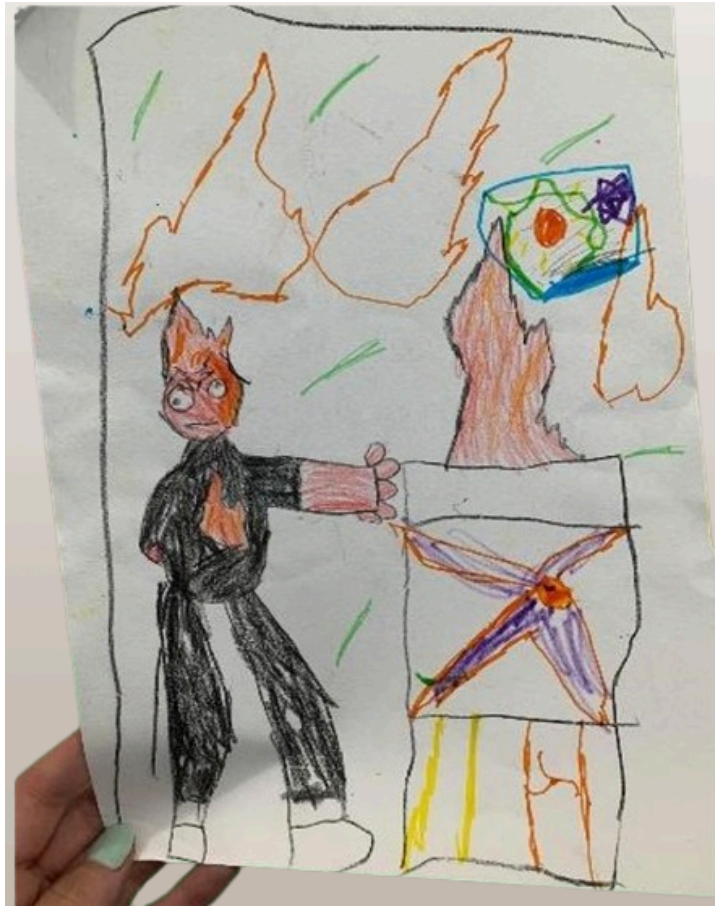


Figura 3. Raiva (personagem do filme **Divertida Mente**). Fonte: Acervo pessoal da autora.

L. tinha uma postura um pouco mais hostil com seus amigos quando não se sentia aceito e constantes atitudes defensivas, sentindo-se culpado ou repreendido por ser quem era.

Na nossa sexta sessão a arteterapeuta A. S. não conseguiu me acompanhar e fiquei sozinha com as crianças. Uma delas, V., sentiu que me ajudaria “tomando conta” da sala. L. estava feliz, cantando e brincando enquanto fazia seu desenho, mas V. o repreendeu dizendo que a alegria dele estava tumultuando a sessão. Em seguida, a água da tinta dos trabalhos caiu no chão, fazendo com que L. se sentisse muito inadequado; supondo que a culpa era dele, sentiu raiva, correu pela sala, subiu nos móveis e se afastou dos colegas.

Chamei L. para uma conversa e ele imediatamente se fechou; olhava-me bravo, acredito que esperava por uma bronca. Ao perguntar o que tinha acontecido, ele me disse que V. o culpou pela água que havia caído. Questionei como ele se sentia nessa situação e ele pegou a cadeira e colocou na minha frente, olhou-me nos olhos e disse: “Como você acha que eu me senti?”. Naquele momento, ele dirigiu sua raiva a mim, talvez imaginando que eu também poderia estar culpando-o. Respondi que só poderia saber caso ele me contasse, e que estava muito interessada em entender. Ele insistiu: “Como é que você acha?”. Ele precisava que eu o permitisse sentir o que ele sentia e a resposta veio de forma

sutil: “Acho que você estava com raiva e triste. É assim que você se sentiu?”. Ele assentiu quando percebeu que os seus sentimentos não eram um problema e a conexão continuava presente. A arteterapeuta continuava ali, disposta a ouvi-lo, acolhendo toda a raiva e a tristeza que ele trazia. Seu corpo relaxou, ele se aproximou ainda mais e contou-me de um cachorro que tinha sido doado - na mesma época em que o pai foi preso, e pôde-se perceber que houve mais de uma ocasião em que perdeu o objeto de seu afeto. Contou-me também sobre outras situações de sua vida, agora situações leves e alegres. O vínculo foi se estabelecendo e ele passou a se sentir mais seguro durante a conversa; ao final da sessão, expressou sentimentos de carinho pelas palavras e pelos gestos e me deu um grande abraço. Passar pela experiência de dizer o que sentia sendo acolhido sem o menor julgamento trouxe a ele uma maior aceitação de si mesmo.

Para Cardella, (1994, p.23), “Confirmar é um ato de amor, é reconhecer a outra pessoa como alguém que existe em sua forma singular e que tem o direito de fazê-lo”.

Continuamos o nosso percurso e percebia-se na fala das crianças sentimentos de saudade em relação a amigos que mudaram de escola. A. foi uma colega que participou do grupo com eles, mas trocou de escola logo no início e, às vezes, as sessões faziam com que as crianças se recordassem dela.

Foi decidido, então, trabalhar o sentimento de falta e de separação. A dinâmica da vez foi a de pintar um dia muito gostoso que eles tiveram, passar tinta preta por cima e com um palitinho tirar um pouco da tinta, recontando essa história, percebendo em o que ela havia se transformado.

L. se animou para fazer o dia feliz, lembrou de um passeio que fez para fazenda, junto com seus pais. Colocou no papel, além de árvores, sol e elementos da natureza, uma vaquinha, chamada Jaqueline. No momento de jogar a tinta preta percebia-se como ele a jogava com muita raiva e intensidade: “Adeus, Jaqueline, adeus.” Segundo Slade (1978, p. 20) “Assim o drama – sempre presente, sempre vital, sempre belo – progride lentamente do menos óbvio para o mais óbvio.”

Podia-se notar a dor dele ao se despedir, a despedida tinha que ser rápida e a tinta precisava cobrir o desenho o quanto antes, era muito desafiador para ele lidar novamente com o fim.

L. jogou tinta demais no papel, fazendo com que seu desenho ficasse mais espesso que o dos outros, dificultando o uso do palitinho para recontar a história. Ele se frustrou com essa situação, como se a intensidade da sua raiva resultasse no uso demasiado da tinta, como se a potência do seu sentimento o impedisse de encontrar o que estava embaixo. Quando começou a raspar o papel, quis imediatamente reencontrar Jaqueline - há reencontros em sua vida que ele anseia há tempos. Quando viu que não era possível, recriou a história da seguinte maneira: um casal de bois que perdeu o filho. Entre muitos

elementos, ele trouxe a seguinte reflexão: “Criança precisa de cuidado, se não tiver cuidado ela morre.”



Figura 4. Adeus Jaqueline, adeus. Fonte: Acervo da autora.

Era perceptível que L. buscava o reencontro com o pai, com o cachorro e com tudo que ele amava e se foi; sentia falta de carinho e cuidado. Sentia-se sozinho pois, além de não ver o pai há três anos, a mãe trabalhava o dia inteiro para sustentar três filhos. A intensidade de seus sentimentos era tão grande que ele se frustrava ao lidar com ela. Para Arcuri (2006, p. 23), “A construção do corpo começa com a concepção e os fatos ocorridos em nossas vidas ou ao nosso redor; deixam marcas psicológicas por vezes imperceptíveis impregnando-nos de sensações muitas vezes inexplicáveis.”

As sessões dos cinco sentidos tiveram uma importância significativa no processo de L. para lidar com tantas emoções que haviam aflorado nele. Segundo Arcuri (2006, p. 66), “Em termos psicológicos, o corpo está associado à terra e ao aqui-e-agora. A sensação é a percepção dos sentidos no momento da personificação da vida”. O tato o ajudou a permitir a troca, a ser contornado e cuidado; era necessário que alguém o acolhesse, que seus limites entre o interno e o externo fossem transpostos a partir do amor e da delicadeza do tato.

Ao receber a massagem nas mãos com o óleo essencial de lavanda, ele se entregou à troca; era perceptível sua alegria ao ser tocado. Deu-se continuidade com o tato explorando outras partes do corpo e permitindo que a brincadeira se aprofundasse. As crianças se deitaram no chão e foi feita uma “pizza” em suas costas, trazendo o lúdico para a vivência. No início L. teve receio, mas quando percebeu que era seguro, relaxou e se entregou, sentindo vontade de auxiliar-me em fazer a “pizza” no restante da turma. Ao receber cuidado, L. quis demonstrar seu afeto e cuidar de seus amigos. Segundo Slade

(1978, p. 18), “As experiências são emocionantes e pessoais e podem se desenvolver em direção a experiências de grupo.”

A vitalidade começou a ganhar mais espaço, desenhou abraços em uma folha de papel, também se desenhou abraçando os amigos e contou-me que não sabia que abraço era tato. A alegria foi tanta que disse que daquele momento em diante gostaria sempre de usar o tato no dia a dia.

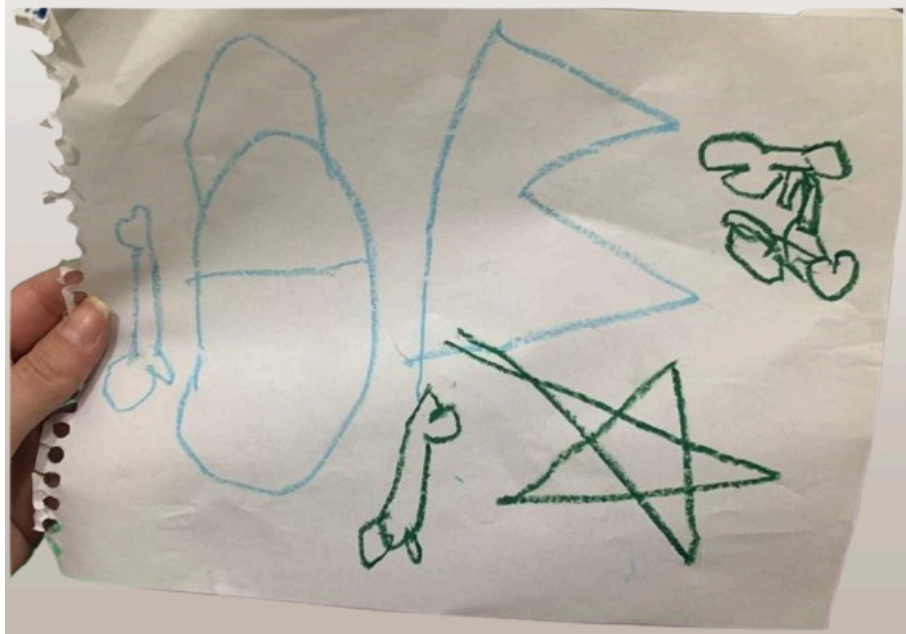


Figura 5. Desenho de L. (tato). Fonte: Acervo da autora.

O carinho palpável, não apenas por meio das palavras, mas integrando o corpo físico foi essencial no processo. A partir dessa dinâmica, L. passou a expressar mais carinho pelos amigos, pois talvez o toque tenha diminuído a sensação de solidão. Para Arcuri, (2006, p. 72), “a pele é o nosso limite que se interpõe ao mundo que nos cerca e é também através dela que estamos ligados ao mundo exterior [...] ser tocado é essencial para o desenvolvimento humano.”

Ao trabalhar a audição, L. trouxe novamente a ausência do pai. Colocou tanta tinta em seu trabalho que o papel se partiu, o que gerou agitação e aflição. L. subiu nas cadeiras e buscou o tempo todo meu olhar, disse que queria ser ouvido, apesar de ter sido ouvido anteriormente, existia mais alguma coisa a ser dita: “Tinta demais mata o papel. Agora o papel está partido, parece meu coração”, desabafou.

Essa sessão ocorreu logo após o Dia dos Pais, e, mais uma vez, notou-se a falta e a solidão que ele sentia por não ter o pai presente. Em muitos momentos durante a sessão ele comentou sobre seu sentimento de saudade e sobre como gostaria de passar o Dia dos Pais junto de seu pai. Poder trazer esse sentimento para o concreto, para o papel e a tinta, e ter a

possibilidade de dialogar com ele, além de receber o apoio e a confirmação que precisava, trouxe a L. uma percepção diferente.



Figura 6. Pintura – Audição. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ele contou a todos que embaixo do coração partido havia uma representação do que ele chamava de um “dia de sorte” e apesar de haver dias tristes também havia dias de sorte e quando ele estava nesses dias ele não se lembrava tanto da tristeza. Ainda afirmou que as sessões de Arteterapia eram consideradas dias de sorte para ele.

Com o vínculo fortalecido, as experiências de acolhimento, de toque, contorno e a concretude ao lidar com o que sentia, L. foi desenvolvendo um espaço seguro dentro de si, percebendo que havia algo a mais e permitindo-se ancorar suas faltas na paciência das arteterapeutas e no carinho das outras crianças do grupo.

Segundo Cardella (1994, p.16), “o amor pode ser recebido apenas em estado de amor, para ser percebido, sentido ou vivido.” Esse amor o ajuda a caminhar, a encontrar suas potencialidades e outros sentimentos que pulsam dentro de si, mesmo com esse pequeno buraco em seu coração.

Por fim, a sessão do sentido visão aprofundou ainda mais o processo de L.; essa sessão consistia em se olhar no espelho e se desenhar da exata maneira que se via - diferente de todas as outras crianças, ele se desenhava como adulto, de máscara e sincronicamente a profissão que ele disse que seu desenho tinha era a de advogado.

L. experimentava com facilidade cores e elementos em seus desenhos, porém nessa sessão, em específico, ele disse que não queria errar. Desenhou bem devagar e usou a borracha algumas vezes enquanto desenhava.

Foi perguntado sobre as sobrancelhas que ele representava em seu desenho, e questionado se a figura que estava no papel estava brava por algum motivo, ele olhou, analisou, virou o papel, respirou fundo e finalmente apagou as sobrancelhas. Decidido e com alguma tristeza disse: “Não quero ser furioso, eu sou um pouco feliz.”

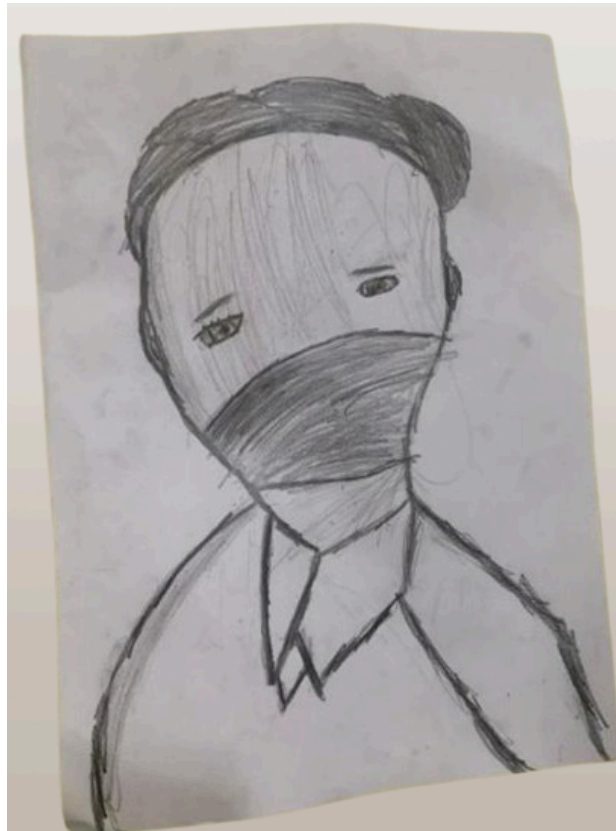


Figura 7. L. advogado. Fonte: Acervo pessoal da autora.

L. reconhece sua inteireza ao lidar com sua raiva, aceitá-la e expressá-la, identificar que o sentimento em questão ocorria de forma mais rápida e mais leve do que foi percebido na última sessão. Esses sentimentos passam a não dominá-lo mais com tanta intensidade e, apesar de o seu desenho estar em preto e branco, ele decide que não quer ser só furioso, percebendo que também existem outros lados de si mesmo, percebendo a beleza em si mesmo: “*Eu sou um pouco feliz.*” Segundo Allessandrini (2004, p. 84), “Observa-se a partir de um ângulo novo, localizam-se novas formas nas figuras que emergem e que saltam aos nossos olhos.”

Nessa sessão, foi possível perceber que ele se permitiu sentir felicidade ao reconhecer que ela existe dentro dele. Ao lidar com a dor do abandono e ao ser contornado e amado como é, a culpa pela partida do pai foi diminuindo e ele pode, enfim, viver mais

momentos felizes e leves, como os dias de sorte que ele cita anteriormente, cada vez mais frequentes.

A partir do momento em que seus desenhos não rasgaram mais o papel, suas criações passaram a caber na folha e ele conseguiu se ver por inteiro. Para Allestrandini (2004, p. 83), “É um constante alimentar-se, uma constante descoberta e redescoberta de algo que não aparecia nesse espaço externo e visível”.

Nas atividades seguintes já pudemos notar o acolhimento que ele trazia no seu desenho, além de um pouco mais de cor. Em uma contação de história com fantoche, o palhaço não cumpriu a expectativa, pois não conseguiu “ajudar” a bailarina, que caiu e se machucou. A história também poderia servir como projeção da dor e da impotência que ele sentia perante o sofrimento da mãe, trazido algumas vezes em sessão, porém, diferente de outras sessões, seu primeiro instinto foi o de cuidar do palhaço e de fazer carinho nele. L. escolheu acolher o palhaço e representou em seu desenho uma sopa quente e saborosa - pode-se notar que a sopa não vaza do recipiente, o contorno da vasilha estava bem definido, o que foi um ganho importante pois ele precisava de um contorno maior. Dessa vez a raiva não foi o primeiro sentimento a surgir, não houve nenhuma tentativa de “culpar” o palhaço por sua impotência perante uma situação que não lhe cabia. Ao invés disso, ele cuidou e nos contou que quando ele ficava triste sua mãe fazia sopa para ele. Por isso, ele também queria acalmar o coração do palhaço, ajudando-o a se sentir melhor. Segundo Boni (2022, pg.03), “A empatia é poderosa para favorecer transformações sociais e políticas, assim como para provocar uma revolução nas relações humanas.”

L. encontrava-se mais calmo, alegre e carinhoso com seus amigos. Notou-se também que as atitudes defensivas diminuíram, ele se permitia agora tocar com mais segurança e menos receio de não ser suficientemente amado ou de sua singularidade ser motivo de desamor. Segundo Tognetta (2015), as virtudes desejadas são função de um processo de legitimação conferido pelo sujeito e que se dá progressivamente e em relação ao meio no qual este sujeito convive.

Podemos notar os espaços livres ao redor do desenho, suas expressões artísticas finalmente ganharam respiro, possivelmente porque ele também pôde respirar.



Figura 8. Sopa para o palhaço. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Segundo Cardella (1994, p. 18), “o estado de amor determina a maneira como nos relacionamos com a vida em geral, desde o cuidado com uma planta até a gentileza e o respeito por um estranho”.

A penúltima sessão também foi surpreendente. O conto trabalhado chamava-se “O pote vazio”, que retratava a história de um imperador que pediu para algumas crianças que gostariam de suceder o império regassem uma semente diariamente, cuidando dela com carinho para que ela crescesse. A criança que conseguisse a planta mais bonita e bem cuidada seria o novo imperador. No entanto, a semente não crescia em nenhum dos potes pois era estéril e algumas crianças compraram plantas de exuberante beleza para levar ao imperador. Ping, foi o único que levou o pote vazio. Todos riram dele, mas ele não se importou, pois trazia com integridade sua verdade. Dessa forma, tornou-se o mais novo imperador.

L. ficou fascinado por essa história; foi uma de suas favoritas durante toda a prática, contou-nos que na vida dele era assim também: muitas coisas tristes aconteciam, mas ele não iria desistir, continuaria “regando” seus sonhos. Na sessão seguinte fez um vaso de massinha, unindo diferentes cores em seu trabalho - diferente do desenho em preto e branco de algumas sessões atrás. No fim, muito animado disse: “Acho que vou colocar areia nesse vaso, vai que nasce outra flor.”

Foi comovente perceber que a esperança estava ganhando espaço em meio a tantos desafios e sentimentos conflitantes. Notava-se maior vitalidade no dia a dia de L. e mais confiança no amanhã. Com contorno e confirmação, L. se sentia cada vez mais aberto para experimentar o mundo e aproveitar as surpresas que poderiam chegar a ele.



Figura 9. Vaso de flor – colorido e com areia. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Essa confiança no amanhã apareceu nitidamente na última sessão, quando foi perguntado qual era a melhor qualidade que ele tinha reconhecida nas sessões de Arteterapia e a resposta foi a que iniciou esse artigo: “A Arteterapia me ensinou a acreditar em meus sonhos.”

Dessa maneira, notou-se que os resultados foram muito significativos. L. tem maior protagonismo perante sua história, olha para o futuro com olhos de esperança e se acolhe com mais amor e paciência - frutos de um trabalho arteterapêutico focado na expressão genuína do ser, no estado amoroso, no vínculo não condicionado. A partir da inteireza é possível trabalhar o emaranhado de sentimentos que pulsam por dentro; todos os sentimentos coexistem e ao aceitá-los e expressá-los passam a caber. A prática abriu portas não apenas para L., mas para que todas as crianças do grupo se sentissem mais autoconfiantes, amadas, inteiras, amorosas e empáticas com seus afetos. Para Boni (2022, pg.10), “A empatia pode ser um caminho para transformar vidas e promover mudanças sociais.”



Figura 10. L. preparando sua coroa. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Considerações finais

Foi possível observar ao final do processo uma grande evolução não apenas em L., mas em todas as crianças: sentimentos muito mais elaborados, habilidade em nomear o que se sentia e uma naturalidade ao admitir sentimentos como raiva e tristeza.

Notou-se uma maior fluidez ao sentir: trazer a concretude para os sentimentos e dialogar com eles obtendo acolhimento trouxe também a sensação de que os sentimentos passam, como ondas do mar vem e vão tirando-os do imaginário; eles não precisavam mais ficar presos no que se acreditava ser e sim viver o que se era, sabendo que sentimentos - e os seres humanos - estão em constante transformação. Dessa maneira ficava mais fácil o convívio social entre eles, notando-se que ficaram mais carinhosos uns com os outros - as brigas ainda existiam, mas de uma maneira diferente.

Pôde-se perceber uma facilidade maior no diálogo quando algo não os agradava, além de uma habilidade maior ao entrar em um consenso. Os abraços, que no início da prática eram quase simbióticos, quase “agressivos”, passaram a ser mais suaves e com maior cuidado com o outro. Além de se comunicarem melhor, também aprenderam a ter consciência sobre o corpo do outro e de que maneira se tem a permissão de tocá-lo.

Por fim, outra área que evoluiu com as práticas foi a criatividade. As crianças por si só já eram criativas e inventivas, porém, algumas tinham receio de inovar, de experimentar e de errar. Lidar com a arte, com a expressão, com tintas e com todas as ferramentas que lhes foram apresentadas trouxe maior fluidez para as atividades do dia a dia. As crianças perceberam que não existe apenas uma maneira de realizar algum tipo de atividade ou de se expressar, pois cada ser humano é singular e é neste lugar que se encontra a beleza de cada um. Dessa maneira, o estímulo por meio da arte serviu para que as crianças fossem conhecendo um pouco mais da sua própria assinatura no mundo, colocando, aos poucos, menos peso e mais liberdade no seu criar, se apropriando cada vez mais de si e exercitando a autoconfiança.

Foi nítida a ampliação de mundo que as crianças tiveram durante o processo. E não apenas as crianças; nota-se que essa ampliação ocorreu de ambos os lados. A troca entre a arteterapeuta e os clientes reverberou em uma transformação profunda. Talvez não fossem apenas os braços das crianças que fossem pequenos e permitir a troca nesse estado amoroso, reconhecendo o outro como é, percebendo sua completude e singularidade, fizeram crescer os braços de todos os envolvidos a ponto de se juntarem em um grande abraço final.

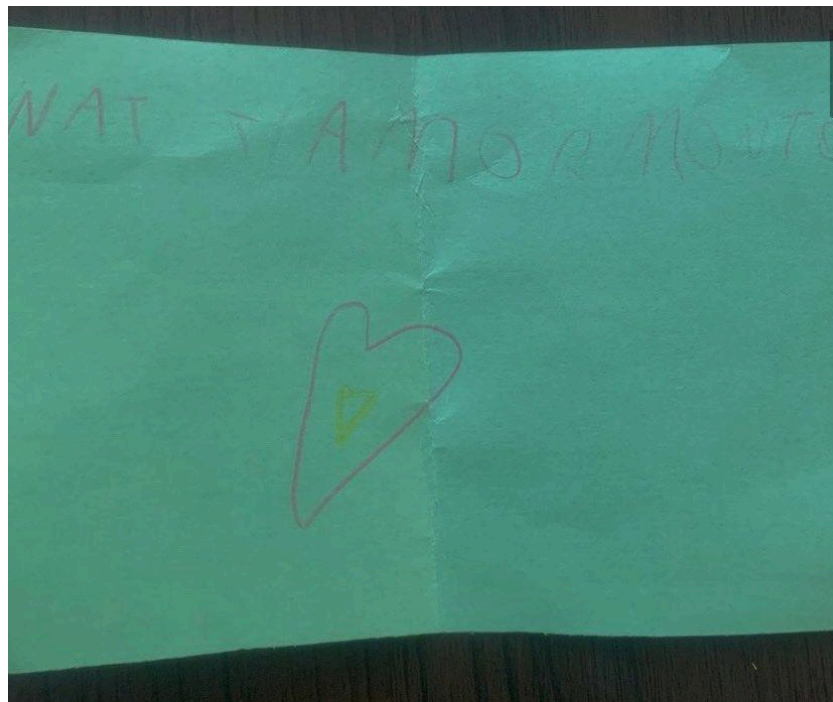


Figura 11. Desenho de B. – Nat t/amor monte. Fonte: Acervo pessoal da autora.

Data de recebimento: 07.11.2023

Data primeiro aceite: 03.07.2023

Data segundo aceite: 03.07.2023

Referências Bibliográficas

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ARCURI, I. G. **Arteterapia e o corpo secreto**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2006.

BONI, L.; FARHAT, F.; MORENO, C. A empatia - A capacidade de iluminar as relações interpessoais: Um estudo entre crianças de escolas públicas paulistas. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 26, n. esp.3, p. e022098, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/16958>. Acesso em: 1º jul. 2024.

CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1994.

EDINGER, E. F. **O ego e o arquétipo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

SLADE, P. **O jogo dramático infantil**. 8ª ed. São Paulo: Summus, 1978.

TOGNETTA, L.; JOÃO, T. **O ambiente escolar e a construção de uma virtude**. Unifran/GPEM – Unesp, 2015. Disponível em: https://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/156_LUCIENE_REGINA_PAULINO_TOGNETTA.pdf. Acesso em: 1º jul. 2024.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Sobre as modalidades

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos espontaneamente submetidos pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigo científico **original/inédito** (amplia consideravelmente o conhecimento ou a compreensão de um dado problema), artigo científico de **revisão teórica/bibliográfica** (no qual há o levantamento das informações a respeito de um determinado tema). Podem também ser submetidos **relatos de experiência** (prioriza a descrição do método/experiência), **estudos de caso** (prioriza a exposição, descrição e discussão de casos), **resenhas** de livros e **resumos** (de monografias, dissertações e teses).
2. Trabalhos de cunho teórico que apresentem interfaces com outras áreas do conhecimento são incentivados.

Sobre os autores

3. Todas as modalidades, exceto as resenhas e os resumos, podem ser submetidas apenas por profissionais arteterapeutas credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. Trabalhos que fizerem uso da Arteterapia podem ter como autores principais profissionais não filiados ou advindos de outras áreas do conhecimento, **desde que** apresentem ao menos um coautor arteterapeuta que valide as intervenções arteterapêuticas envolvidas.
5. Serão aceitos artigos com no máximo três autores (um autor e dois coautores). Lembrando que a coautoria pressupõe envolvimento importante na realização do artigo, conhecimento de seu conteúdo e participação na sua redação, ou seja, o coautor é corresponsável pelo trabalho e responde por ele. Acima de três autores, tomando por base as recomendações da ICMJE (1985), deve-se descrever na introdução do material a efetiva contribuição de cada autor nos seguintes termos: se há concepção e delineamento do tema; se há análise e interpretação dos dados; se há redação do manuscrito, se há revisão do manuscrito com crítica intelectual importante. A revisão sem crítica intelectual importante ou a simples participação na coleta de dados não justifica autoria. Colaboradores não são autores e podem ser reconhecidos, desde que permitam, separadamente em nota de rodapé, como: contribuição; orientação; revisão crítica; coleta de dados; participação em inquérito clínico.

Sobre o formato

6. É imprescindível que o trabalho enviado tenha sido submetido à revisão da língua escrita por um profissional habilitado e que atenda às orientações de diagramação aqui descritas. Não cabe à Revista AATESP ou aos seus pareceristas a revisão ortográfica dos trabalhos.
7. É considerada uma página aquela formatada da seguinte maneira: folha tamanho A4, fonte Arial tamanho 11, margens (superior, inferior, direita e esquerda) igual a 2,5 cm, espaçamento entre linhas igual a 1,5 e com recuo de primeira linha igual a 1,25 cm.
8. Considerando todas as informações incluídas, os **artigos científicos, relatos de experiência** e **estudos de caso** devem conter, no máximo, 25 páginas; as

resenhas, 4 páginas; e os **resumos**, 1 página.

9. Os **artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso** devem apresentar: título e subtítulo, resumo (de 100 a 200 palavras) de 3 a 5 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês. O corpo do texto deve apresentar: introdução, método, desenvolvimento, considerações finais e bibliografia referenciada. ([Template1](#))
10. Na “bibliografia referenciada” deve constar **apenas e exclusivamente** as obras efetivamente referidas no texto. *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar a bibliografia referenciada.*
11. Desaconselhamos o uso de notas de rodapé. Se necessárias, devem ser digitadas **utilizando a ferramenta “inserir/nota de rodapé”** que consta nos editores de texto, fonte Arial tamanho 9, espaçamento de parágrafo simples e tabulação justificada.
12. As citações podem ser feitas de forma direta ou indireta. Citações diretas com menos de 3 linhas devem estar no corpo do texto entre aspas. Citações diretas com mais de três linhas, devem estar recuadas à esquerda em 4 cm, sem aspas, com tamanho da fonte 11 e espaçamento entre linhas simples. *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar citações.*
13. As figuras (imagens de trabalhos, fotografias ou gráficos) devem estar centralizadas na folha e inseridas no texto **sem qualquer tipo de margem ou moldura**. Cuidar para que as figuras estejam nítidas. Sob a figura deve constar em fonte Arial tamanho 10 as seguintes informações: *Figura nº breve descrição/legenda* (número da figura, um ponto, uma breve descrição). A figura deve estar referenciada no texto a fim de explicitar em que momento da leitura ela se faz importante à compreensão dos argumentos. No caso de gráficos, estes devem estar acompanhados de *título e fonte utilizada*.
14. A **página de rosto** deverá ser elaborada em arquivo separado na qual deve constar: título, resumo, palavras-chave, autores, créditos acadêmicos e profissionais (de 3 a 5 linhas), se filiado a associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição, endereço completo, telefone e *e-mail* para contato do(s) autor(es). Este arquivo pode ser enviado em formato **pdf**. ([Template2](#))
15. Nos artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso **não deve constar** identificação de autoria ao longo do trabalho, ou seja, não deve haver qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como nome do autor, filiação profissional, papel timbrado ou dados de autoria no menu **propriedades** do Word.

submissão

16. O autor deve submeter o trabalho mediante envio de *e-mail* somente ao endereço eletrônico revista@aatesp.com.br, explicitando a intenção de publicação na Revista Arteterapia da AATESP.
17. Neste *e-mail* devem constar os seguintes arquivos, na forma de anexo, conforme já anteriormente descritos:
 1. **arquivo do trabalho** (formato doc) [Template1](#)
 2. **página de rosto** (formato pdf) [Template2](#)

3. carta de intenção e ética (formato jpg ou pdf) [Template3](#)

ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE CITAÇÕES E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

As orientações abaixo atendem às normas estabelecidas pela ABNT NBR-14724 (Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos), NBR-10520 (Informação e documentação – Citações em documentos) e NBR-6023 (Informação e documentação – Referências).

1. CITAÇÃO

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas. A forma de citação adotada pela Revista de Arteterapia da AATESP será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte deve ser feita seguindo as orientações abaixo.

- No caso de **CITAÇÃO INDIRETA**, estas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original sem se configurarem como uma transcrição literal do texto original. Elas geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceitos do autor. São livres de aspas, sem indicação de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972), os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou

Os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Estas se configuram como uma transcrição literal do texto original. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p. 81).

Ou

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com mais de três linhas**, e que nunca devem exceder 10 linhas, devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento 1,0 com letra 10 e sem aspas. Exemplos:

Goswami (2000) explica que:

[...] nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as

habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Ou

O autor anteriormente referido problematiza que

[...] nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (GOSWAMI, 2000, p. 67)

2. BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

São as referências dos livros e materiais consultados para a elaboração do trabalho. **Apenas** devem constar os materiais **efetivamente referidos** no texto (ou seja, mesmo que interessante, materiais não referidos no corpo do texto não devem constar).

- Livro Completo.
SOBRENOME, Nome Abreviado. **Título**: subtítulo (se houver). Edição (se houver).
Local de publicação: Editora, data de publicação da obra.

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem, 1. ed. São Paulo: Summus, 2000.

- Capítulo de livro
SOBRENOME, Nome abreviado. Título do capítulo: subtítulo. *In*: SOBRENOME, Nome abreviado. **Título do livro**: subtítulo. Local: editora, ano, intervalo de páginas do capítulo.

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. *In*: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004, p. 219-223.

- Tese, dissertação
SOBRENOME, Nome abreviado. Título negrito. Ano de depósito. total de folhas ou páginas. Tipo (grau) - Instituição, local, ano de defesa.

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. 2002. 258p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

- Artigos em periódicos
SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação.

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

- Artigo em periódicos *on-line*
com autoria
SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação. Disponível em: URL. Acesso em: dia mês abreviado. ano.
sem autoria
Título da matéria. Nome do *site*, ano. Disponível em: URL. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

- Trabalho de Congresso (publicado *on-line*)

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. *In*: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4, 1996, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <http://www.prospeq.ufpe.br/anais>. Acesso em: 21 jan. 1997.

- Resumos em eventos (impresso)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. *In*: IARR MINI CONFERENCE, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.